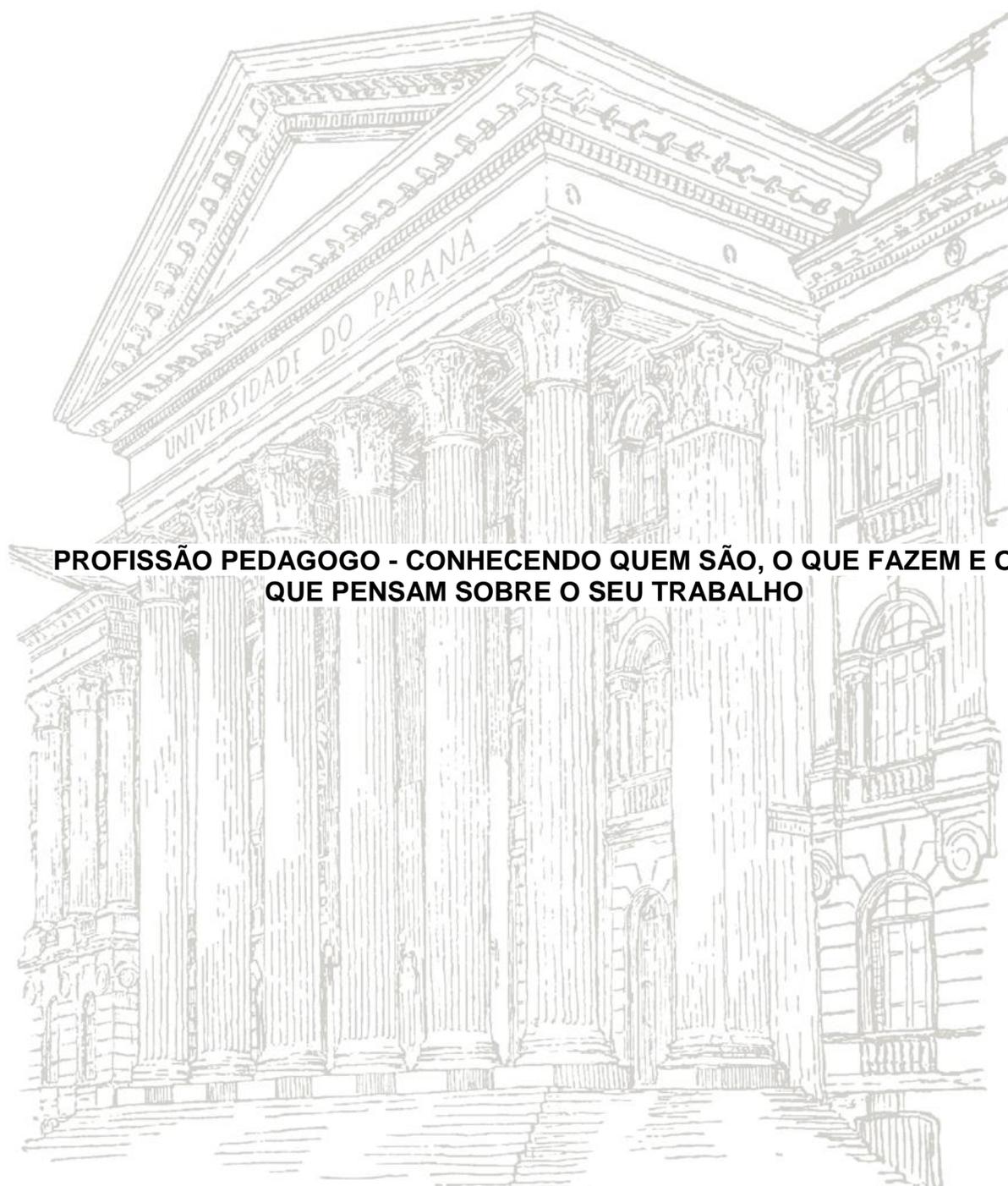


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**SILVANA TOSIN JANOSKI
THAIS HIROMI TANAKA**



**PROFISSÃO PEDAGOGO - CONHECENDO QUEM SÃO, O QUE FAZEM E O
QUE PENSAM SOBRE O SEU TRABALHO**

**CURITIBA
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**PROFISSÃO PEDAGOGO - CONHECENDO QUEM SÃO, O QUE FAZEM E O
QUE PENSAM SOBRE O SEU TRABALHO**

Trabalho de Conclusão apresentado a comissão de Graduação como requisito parcial obrigatório para a aprovação no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná- UFPR
Realizado sob a orientação da Profª Dra Lucimar Rosa Dias.

**CURITIBA
2014**

TERMO DE APROVAÇÃO

SILVANA TOSIN JANOSKI
THAIS HIROMI TANAKA

PROFISSÃO PEDAGOGO - CONHECENDO QUEM SÃO, O QUE FAZEM E O QUE
PENSAM SOBRE O SEU TRABALHO

Trabalho de Conclusão apresentado a comissão de Graduação como requisito parcial obrigatório para a aprovação no curso de Pedagogia, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Lucimar Rosa Dias
Orientadora – Setor de Educação da Universidade Federal, UFPR

Prof. Dr. João Paulo Pooli
Setor de Educação da Universidade Federal, UFPR

Curitiba, 24 de novembro de 2014

Dedico este trabalho aos meus pais, Teodoro e Ana, e a minha avó Idalina Tosin, que muito me ensinou e hoje olha por mim lá do céu.

Silvana

Dedico este trabalho aos meus eternos amores: Cláudio, Luciane, Gustavo e Felipi.

Thais

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo compreender as funções desempenhadas pelos professores-pedagogos em um colégio estadual do Paraná, bem como delinear as atribuições que esses profissionais possuem dentro do ambiente escolar e o que pensam sobre elas. Optamos metodologicamente por uma pesquisa qualitativa com observação direta de fevereiro a outubro de 2014, ao longo da qual realizamos entrevistas com quatro pedagogas atuantes no atendimento aos jovens e adolescentes do Ensino Médio. Foram referências importantes para nossos estudos as contribuições de Scheibe e Aguiar (1999), Silva (2003), Vila e Santos (2008), Belloni (2008) e Vieira (2008). Ao analisar as entrevistas realizadas, concluímos que as pedagogas estão insatisfeitas com as condições estruturais para o desenvolvimento da sua função. Elas apontam que algumas das suas principais funções, como a realização da formação continuada dos professores em serviço, o acompanhamento pedagógico aos alunos com dificuldade de aprendizagem e o atendimento à família, acabam secundarizadas. O profissional deste modo, realiza o seu trabalho solucionando problemas que não estão diretamente relacionados à sua função, tais como: verificar se os alunos estão uniformizados, atrasos e faltas de professores, registrar no livro de ocorrências os atrasos dos alunos e situações de indisciplina apontados pelos professores e o atendimento ao aluno em questões burocráticas (emissão de declaração, informações sobre atividades diversas, vendas de rifas, alunos que passam mal, etc.). Neste sentido, percebemos que as pedagogas acompanhadas utilizavam a maior parte do seu tempo de trabalho para a resolução de conflitos e tantos outros imprevistos que perpassam o âmbito educacional e para as questões que elas realmente acreditam que seja suas funções pouco tempo sobrava o que lhes causa um forte sentimento de frustração no exercício da profissão.

Palavras-chave: Professor-pedagogo. Atribuições profissionais. Percepções da profissão.

ABSTRACT

This study aimed at understanding the functions performed by pedagogues-teachers in a state of Paraná school, as well as outlining the tasks that these professionals have within the school environment and what they think about them. The chosen methodology was qualitative research with direct observation from February to October 2014, over which were conducted interviews with four active pedagogues who work with high school youth and teens. Were important references to our study, the contributions of Scheibe and Aguiar (1999), Silva (2003), Vila and Santos (2008), Belloni (2008) and Vieira (2008). Through the interviews, it was implied that these professionals are unsatisfied with the structural conditions for the development of their function. They point out that some of their key functions, such as execution of the continuing education of teachers in service, teaching support to students with learning disabilities and family attendance, are eventually placed second. The professionals thus performs their work by solving problems that are not directly related to their function, such as: cheching if students are uniformed, delays and shortages of teachers, registering in the occurrence book delays of students and indiscipline situations pointed by teachers as well as attending students in bureaucratic issues (issue statement, information on various activities, selling raffle tickets, students who are ill, etc.). In this sense, we realized that accompanied pedagogues used most of their time working for conflict resolution and many other unforeseen events that exceed the educational context and the issues that they really believe that their function is little time left over what causes them a strong feeling of frustration in the profession.

Keywords: Pedagogue-teacher. Professional assignments. Perceptions of the profession.

LISTA DE SIGLAS

ANFOPE	-	Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação
CEEP	-	Comissão de Especialistas do Ensino de Pedagogia
CETEPAR	-	Centro de Treinamento do Magistério Paranaense
CFE	-	Conselho Federal de Educação
CNE	-	O Conselho Nacional de Educação
CONARCFE	-	Comitê Nacional Pró-Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores
DCNP	-	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia
IAE	-	Inspetorias Auxiliares de Ensino
ISE	-	Institutos Superiores de Educação
LDB	-	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	-	Ministério de Educação e Cultura
PSS	-	Processo seletivo simplificado
SSPR	-	Serviço de Supervisão (setor Paraná)
SEED	-	Secretaria de Estado da Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
1.1 SUJEITOS DA PESQUISA	11
2. A HISTÓRIA DO CURSO DE PEDAGOGIA.....	13
2.1 A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO	19
2.2 SER PEDAGOGO – FUNÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS ESCOLARES.....	21
2.3 O PEDAGOGO NO ESTADO DO PARANÁ.....	25
3.EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS – A INSTITUIÇÃO E O PROFESSOR PEDAGOGO	30
3.1 PERFIL DAS ENTREVISTADAS	31
3.2 DAS FUNÇÕES DESEMPENHADAS	35
3.3 A FORMAÇÃO CONTINUADA	40
3.4 A INFLUÊNCIA DA MOTIVAÇÃO NO EXERCÍCIO DO TRABALHO DO PEDAGOGO	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi inspirado na leitura do livro “Ser professor: pistas de investigação”, de Sofia Lerche Vieira, realizado durante as discussões da disciplina Organização do Trabalho Pedagógico cursada no ano de 2015. Neste, a autora e suas colaboradoras articulam os dados coletados por meio de pesquisas quantitativas e qualitativas sobre a profissão professor, desvendam alguns estereótipos, descobrem algumas questões que ajudam a responder quem é esse profissional, como se constitui, o que o move, em que condições trabalham e analisam de maneira a entender quais aspectos sociais, financeiros e culturais interferem positiva, ou negativamente na formação e desenvolvimento do perfil deste profissional.

Ao remetermos nosso pensamento para o ambiente escolar, além da marcante trajetória do professor, há o importante trabalho do pedagogo, o qual tivemos a oportunidade de conhecer durante a disciplina de Prática Pedagógica – Estágio Supervisionado na Organização Escolar. Com isso pudemos acompanhar a rotina de trabalho de quatro pedagogas que atuam em um colégio estadual do Paraná no atendimento a professores, alunos e seus respectivos familiares. Ao longo de nove meses vivenciamos situações de rico aprendizado e busca pela construção de nossa identidade profissional como futuras pedagogas, coadunando as questões estudadas ao longo de nossa trajetória acadêmica ao cotidiano vivido no âmbito escolar. Em nossas observações, deparamo-nos com as mais variadas situações relacionadas à prática desenvolvida pelas pedagogas e dentre elas, podemos citar a dificuldade da organização do tempo para a efetiva realização do que a Lei prevê para o exercício da função destas profissionais.

Foi o acompanhamento do trabalho das pedagogas com perfis e maneiras de atuação bastante heterogêneas e os estudos realizados tanto na disciplina já citada quanto na disciplina de Organização do Trabalho Pedagógico, que nos instigou a realizar como Trabalho de Conclusão de Curso uma pesquisa que buscou responder aos seguintes questionamentos: Qual é a função do pedagogo dentro do âmbito educacional? O que pensam frente ao trabalho que exercem? Quais as dificuldades encontradas ao longo de sua trajetória como pedagogo? As pedagogas

entrevistadas percebem alguma dissonância entre o trabalho realizado e o que elas deveriam realizar?

A busca por estas respostas nos permitiu uma “viagem” pela história que permeia toda a trajetória do curso de Pedagogia e a luta dos profissionais da educação, no sentido de compreender o rumo que a carreira educacional seguiu e também perceber que tipo de profissional emergiu em meio a este contexto. Dentro desta perspectiva, o percurso da investigação foi desenvolvido e se apresenta em três capítulos.

No primeiro, explicitamos os procedimentos metodológicos e também os sujeitos de nossa pesquisa. No segundo, tratamos sobre a trajetória do curso de Pedagogia e o contexto em que viveram e ainda vivem os profissionais da educação, ressaltando o cargo de professor-pedagogo criado no estado do Paraná. Para tanto, procurou-se destacar o trabalho deste profissional dentro das instituições escolares, a fim de compreender suas funções.

Caracterizamos a instituição observada e explicitamos a análise das entrevistas realizadas com as pedagogas no terceiro capítulo, com o intuito de compreender as dificuldades encontradas no exercício de sua função, bem como aspectos relacionados à formação e motivação da carreira destas profissionais.

Nas considerações finais, retomamos alguns dos dados obtidos ao longo de nossa pesquisa, de maneira a criar novos questionamentos e problematizar a respeito das funções que são e que deveriam ser desempenhadas pelo pedagogo unitário.

CAPÍTULO 1

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Buscando compreender as funções desempenhadas pelos pedagogos no estado do Paraná, bem como delinear as atribuições que esse profissional possui dentro do ambiente escolar, optamos metodologicamente por uma abordagem qualitativa, na qual segundo Triviños (1987) existe uma escolha de um assunto ou problema e uma coleta e análise das informações. Para Bogdan e Biklen (1994, p.16), uma investigação qualitativa busca analisar os fenômenos em toda a sua complexidade e em seu contexto natural, privilegiando sua compreensão a partir do ponto de vista dos sujeitos da investigação.

Para a coleta de dados realizamos quatro entrevistas com pedagogas atuantes no atendimento aos jovens e adolescentes do Ensino Médio de um colégio estadual do Paraná. Estas entrevistas se deram a partir de um roteiro semiestruturado discutido coletivamente na disciplina de Prática Pedagógica – Estágio Supervisionado na Organização Escolar, do qual foram selecionadas algumas questões que tratavam mais especificamente do perfil profissional do pedagogo. Além delas, também elaboramos outras questões com o objetivo de obter informações mais específicas sobre esse profissional, recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito e desta maneira buscar descrever os significados culturais deste determinado grupo.

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 34), a grande vantagem da técnica da entrevista em relação às outras é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Assim sendo, o nosso objetivo foi compreender o perfil das pedagogas, a trajetória percorrida, motivações, formação inicial e continuada, dificuldades encontradas, o que elas pensam frente a sua atuação, quais funções permeiam o seu cotidiano de intervenções de caráter pedagógico (ou não) e qual o seu grau de satisfação mediante ao trabalho que desempenham.

No item a seguir, trataremos de explicitar os sujeitos que compuseram esta pesquisa e de que maneira chegamos até eles.

1.1 SUJEITOS DA PESQUISA

A ideia de desenvolver esta pesquisa com pedagogas atuantes em escolas do estado do Paraná deve-se a nossa própria trajetória como estagiárias, visto que estivemos ao longo de nove meses acompanhando o trabalho pedagógico desenvolvido por elas. Durante este período de observação, surgiram inúmeros questionamentos a respeito da função desempenhada pelas pedagogas, e uma das principais questões foi tentar entender a percepção das entrevistadas sobre as funções que desempenham e quais acreditam que deveriam desempenhar, bem como as dificuldades encontradas no desenrolar de seu trabalho. O colégio conta com oito pedagogas no período da manhã, das quais quatro delas foram escolhidas para serem entrevistadas, tendo em vista que tínhamos mais tempo de convivência com as mesmas.

As entrevistas¹ foram realizadas nas salas das pedagogas, no próprio colégio e registradas por meio de gravação de áudio. Composta por 20 questões, elencamos as informações relevantes quanto a formação acadêmica, tempo de trabalho, formação continuada, motivações e dificuldades da profissão, rotina de trabalho, funções que desempenham, divisão do trabalho com os demais profissionais envolvidos na organização pedagógica da instituição, relação entre a teoria e a prática, nível de satisfação com o trabalho realizado, etc.

Percebemos que as pesquisas sobre a profissão do pedagogo, ainda são bastante escassas se comparadas ao espaço que este profissional conquistou dentro das escolas. Vale ressaltar que a formação dos pedagogos nem sempre se deu como hoje. Inicialmente fragmentada, formou um profissional por meio de duas vertentes: licenciado e bacharel.

Anos depois, após abolir essa organização, as faculdades criaram as chamadas habilitações, nas quais o indivíduo era formado para atuar em determinados seguimentos da escola (administração escolar, orientação escolar e supervisão escolar). Somente após a homologação da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 é que temos em pauta a formação de um profissional unitário, que poderá desempenhar qualquer função pedagógica dentro do âmbito educacional. Scheibe e Aguiar (1999), Silva (2003), Vila e Santos (2008) e Vieira (2008) apresentam a

¹ As entrevistas encontram-se no apêndice deste trabalho.

trajetória do curso de Pedagogia. Neste sentido, abordaremos no capítulo seguinte a criação do curso de Pedagogia e os fatos marcantes pelos quais passou até os dias atuais.

CAPÍTULO 2

2. A HISTÓRIA DO CURSO DE PEDAGOGIA

O curso de Pedagogia, foi criado no final da década de 30 (pelo Decreto-Lei n. 1.190 de 4 de abril de 1939, projeto do então Ministro da Educação Gustavo Capanema, no governo de Getúlio Vargas) em meio a um período carregado de acontecimentos econômicos, culturais e políticos posteriores a revolução de 30. Todas estas transformações que ocorreram nos mais variados campos da sociedade, culminaram em modificações de grande impacto na área educacional, reverberando também na organização do trabalho pedagógico. O curso de Pedagogia foi instituído na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, a partir de duas finalidades centrais: a de formar técnicos em Educação (titulação de bacharel) e formar profissionais para o exercício da docência (titulação de bacharel mais o curso de didática, o qual resultava na titulação licenciado).

Para a formação de bacharéis ficou determinada a duração de três anos, após os quais, adicionando-se um ano de curso de didática, formar-se-iam os licenciados, num esquema que passou a ser conhecido como 3+1. (SILVA, 2003, p.11-12)

Assim, de acordo com Vieira (2008), os Bacharéis em Pedagogia atuariam em cargos técnicos de educação no Ministério da Educação (cargos estes, que a partir de 1º de janeiro de 1943 exigiam essa diplomação para o seu preenchimento) e os licenciados, ao concluírem o Curso de Didática, estariam aptos para o exercício da docência no ensino secundário e particularmente no normal (SCHEIBE; DURLI, 2011, p.86). O público a que era destinado o curso de Pedagogia, restringia-se a professores que procuravam formação para desempenhar outras funções que não a docência no ensino primário. Silva (2003) ressaltou em seus estudos sobre as disciplinas que compunham a grade curricular dos formados bacharéis:

O curso de Pedagogia ficou assim seriado: complementos de matemática (1ª série), história da filosofia (1ª série), sociologia (1ª série), fundamentos biológicos da educação (1º série), psicologia educacional (1ª, 2ª e 3ª séries), estatística educacional (2ª série), história da educação (2ª e 3ª séries), fundamentos sociológicos da educação (2ª série), administração

escolar (2ª e 3ª séries), educação comparada (3ª série), filosofia da educação (3ª série). (SILVA, 2003, p.12).

E também dos licenciados:

O curso de didática ficou instituído pelas seguintes disciplinas: didática geral, didática especial, psicologia educacional, administração escolar, fundamentos biológicos da educação, fundamentos sociológicos da educação. Ao bacharel em Pedagogia restava cursar as duas primeiras, uma vez que as demais já constavam do seu currículo do bacharelado. (SILVA, 2003, p.12).

Neste momento da história do curso de Pedagogia encontramos muitos problemas relacionados à formação deste profissional. De acordo com Scheibe e Durli (2011), a separação bacharelado/licenciatura caracterizou uma organização curricular seriada, refletindo a nítida concepção dicotômica que orientava o tratamento de dois componentes do processo pedagógico: o conteúdo e o método (SILVA, 2003, p.13).

De acordo com Warde (1993), observou-se que a partir da década de 40 houve uma grande necessidade de ampliação dos campos de atuação do pedagogo, pois o mercado de trabalho era relativamente pequeno, sendo assim, o pedagogo passou a poder lecionar no ensino primário e secundário. Porém nos anos 50 a escola básica sofreu uma ampliação, e além disso houve também um grande salto na industrialização, na qual o mercado de trabalho foi tornando-se cada vez mais complexo e qualitativamente mais sofisticado, cobrando cada vez mais uma resposta do Sistema Público de Ensino.

Na década de 60, em meio a muitas discussões e questionamentos sobre a formação dos profissionais da educação e das reformas universitárias, Valnir Chagas projetou a dissolução da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil. Dessa maneira, segundo Warde (1993) seria o fim de uma organização de estudos que tinha áreas isoladas. Porém, foi somente após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB de 1961, que de fato se começou a dismantelar a formação de bacharéis e licenciados.

Esta organização do curso de Pedagogia perdurou até o ano de 1969, quando o Parecer do Conselho Federal de Educação - CFE n. 252/69 aboliu a distinção entre bacharelado e licenciatura em Pedagogia e inseriu a proposta da formação dos “especialistas”, ou seja, profissionais exclusivos para a administração escolar, inspeção escolar, supervisão pedagógica e orientação educacional ao lado

da habilitação para a docência nas disciplinas pedagógicas dos cursos de formação de professores. Com essa separação, a disciplina de didática passou a ser obrigatória e inserida no núcleo comum do curso, bem como as disciplinas: Sociologia Geral, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, História da Educação e Filosofia. Para cada habilitação ainda havia as disciplinas específicas.

O curso de Pedagogia passou então a ser predominantemente formador dos denominados especialistas em educação (supervisor escolar, orientador educacional, administrador escolar, inspetor escolar, etc), continuando a ofertar, agora na forma de habilitação, a licenciatura 'Ensino das disciplinas e atividades práticas dos cursos normais', com possibilidade ainda de uma formação alternativa para a docência nos primeiros anos do ensino fundamental. (SCHEIBE; AGUIAR, 1999, p.224)

Vale destacar que estas habilitações para a formação dos profissionais da educação acarretaram na fragmentação da formação do pedagogo. Silva (2003) relatou que o parecer CFE n. 252/69 ao mesmo tempo em que influenciou na definição do mercado de trabalho para o pedagogo, também conturbou a sua ocupação e não resolveu a questão da identidade do profissional² a ser formado.

Assim sendo, as discussões acerca da formação dos profissionais da educação adentraram na década de 70, quando foram encaminhadas ao CFE um conjunto de indicações que pretendiam a reestruturação dos cursos superiores de formação no magistério do Brasil. Dentre todas as regulamentações, podemos destacar a questão da formação dos professores para as séries iniciais da escolarização, que passa a acontecer no curso superior e a formação dos especialistas, que não se daria em nível de pós-graduação.

No final de década de 70, Silva (2003) relata que professores e estudantes universitários se organizaram na tentativa de controlar o processo de reforma dos cursos de formação de educadores no Brasil. Inúmeros foram os eventos, seminários e conferências que marcaram este período da história do curso de Pedagogia, dos quais podemos citar o I Seminário de Educação Brasileira (realizado na Universidade de Campinas em 1978) e a I Conferência Brasileira de Educação (realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1980).

A partir de então, foi criado o Comitê Nacional Pró-Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores - CONARCFE (composto por professores e

² Segundo Antonio Nóvoa a identidade profissional é um processo que cruza a vida e a profissão, as dimensões pessoais e profissionais (Slides – Curitiba/fevereiro de 2013 - Professores principiantes: Porque é que não fazemos aquilo que dizemos que é preciso fazer?).

estudantes) o qual foi fundamental para o controle do processo de reformulação dos cursos de formação do pedagogo e do professor. O documento produzido pela coordenação do Comitê foi polêmico e motivador o bastante para acalorar os debates e ampliar as bases do movimento. Em 1983 no I Encontro Nacional do Comitê iniciou-se a formulação dos princípios gerais de uma base comum nacional para a formação de todos os educadores. Conforme o documento final:

Todas as licenciaturas (Pedagogia e demais licenciaturas) deverão ter uma base comum: são todos professores. A docência constitui a base da identidade profissional de todo o educador [...] a base comum nacional dos cursos de Formação de Educadores não deve ser concebida como um currículo mínimo ou um elenco de disciplinas, e sim como uma concepção básica da formação do educador e a definição de um corpo de conhecimento fundamental (Encontro Nacional, 1983, p. 57-58 *apud* VIEIRA, 2008.).

Em 1986, no II Encontro Nacional da CONARCFE, ficou definido que a base comum nacional dos Cursos de Formação de Educadores deveria ser composta pelas seguintes dimensões: profissional, política e epistemológica, as quais se relacionadas, possibilitariam a formação articulada com a totalidade. Em 1988, no III Encontro Nacional da CONARCFE, as discussões acerca da base comum nacional passaram a ser configuradas como “eixos curriculares”.

No ano seguinte, o Comitê foi transformado em associação, tendo em vista que, segundo Vieira (2008), suas atividades estavam mais permanentes. Em 1990 passou a ser chamado de Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação- ANFOPE, associação esta, que existe até o momento. A questão da identidade do curso de Pedagogia deixa de ser uma das questões centrais do movimento e o foco passa a ser a formação dos educadores em geral. De acordo com SILVA (2003),

De fato, após mais de 20 anos de intensas discussões pelos interessados - considerando o âmbito da sociedade civil - e de várias tentativas de resolução do assunto por parte dos órgãos governamentais, os cursos de formação de educadores não se encontram totalmente redefinidos.

Segundo Scheibe e Durli (2011) a década de 1990 foi marcada pela reforma do Estado brasileiro e também pelas reformas educacionais no país, relacionadas à educação superior e a formação de professores, particularmente após a aprovação da nova LDB - Lei n. 9.394 de dezembro de 1996, foram implementadas várias

ações para a educação e criou-se uma grande expectativa com relação aos rumos do curso de Pedagogia. Verificou-se o surgimento dos cursos normais, em nível superior, e a implementação dos Institutos Superiores de Educação (ISE), mas estávamos longe de obter um consenso em torno da identidade desse profissional a ser formado no curso de Pedagogia e também em outras licenciaturas.

Em 1998 a ANFOPE realizou em seu IX Encontro Nacional, a formulação do documento: “Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Formação dos Profissionais da Educação”, o qual instituiu que as universidades e suas faculdades/centros de educação, seriam responsáveis pela formação dos profissionais da educação para atuação na educação básica e superior, e que desta forma o curso de Pedagogia e demais licenciaturas deveriam passar por uma revisão e manutenção, a fim de superar a fragmentação das habilitações e a diferença entre a formação dos pedagogos e dos demais licenciados.

Após este período, o ano de 1999 abriu frente para os inúmeros decretos que marcaram a história educacional desse profissional. Dentre eles podemos citar o decreto presidencial nº 3.276 de 6 de dezembro de 1999 - o qual ainda que de maneira indireta, delimitou a função do curso de Pedagogia para a formação de profissionais que atuassem na gestão, orientação e supervisão escolar. Descaracterizando a formação do professor no curso de Pedagogia. De acordo com o inciso 2º, artigo 3º,

§ 2º A formação em nível superior de professores para a atuação multidisciplinar, destinada ao magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, far-se-á exclusivamente em cursos normais superiores.

Porém, as entidades ligadas à área da Educação, mobilizaram-se a fim de defender a base docente como responsabilidade do curso de Pedagogia e criaram imediatamente o Fórum Nacional em Defesa da Formação de Professores. Diante da resistência da comunidade acadêmica, no ano de 2000 outro decreto (3.554 de 7 de agosto) substituiu o termo “exclusivamente” do decreto anterior por “preferencialmente”.

Com este Decreto, os Institutos Superiores de Educação, com seus cursos normais superiores deixam de ser as instâncias exclusivas de formação de professores de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental e **fica garantido aos cursos de Pedagogia o direito de formarem os professores para a Educação infantil e para os anos iniciais do ensino**

fundamental, ainda que sejam os cursos normais superiores as instâncias preferenciais dessa formação. (CASTRO, 2001, *apud* SOUSA, 2004). (grifo nosso)

Desta forma, com a criação destes novos locais para a formação de docentes, foram geradas muitas especulações a respeito do curso de Pedagogia, o qual por sua vez não foi extinto e era o responsável por formar os professores para as séries iniciais do ensino fundamental. Como afirma Sheibe e Aguiar (1999), no caso do curso de Pedagogia, rompe-se, na prática, com a visão orgânica da formação docente que vinha sendo construída no país nas últimas décadas.

Entre 1998 e 2000 a Comissão de Especialistas do Ensino de Pedagogia - CEEP elaborou a proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia - DCNP e configurou a graduação como uma base curricular capaz de formar o professor/profissional da educação para as séries iniciais da escolarização básica. O Conselho Nacional de Educação – CNE, por sua vez, não homologou a proposta. Sendo assim, uma nova Comissão elaborou outra proposta em 2002, definindo a base da formação do pedagogo como um profissional voltado para a docência e que a graduação deveria ser ao mesmo tempo uma licenciatura e um bacharelado. A proposta foi encaminhada para o CNE, porém também não foi homologada.

Em 2005 o CNE tornou público o esboço do projeto das DCNP e muitas foram às discussões em torno do campo educacional. O projeto passou por inúmeras reformulações, gerando várias versões do parecer. Visando contemplar todas as pressões, o CNE aprovou em 13 de dezembro de 2005 o parecer CNE/CP n. 5/05. De acordo com Vieira (2008), o parecer indicou, no artigo 14, que a formação dos especialistas seria realizada em cursos de pós-graduação, especialmente estruturados para esse fim e aberto a todos os licenciados.

As discussões perduraram e em razão de a LDB garantir em seu artigo 64 a formação destes profissionais nos cursos de Pedagogia e também em nível de pós-graduação. Devido a este fato, o CNE reexaminou o parecer, modificando o artigo 14, incluindo a formação do especialista também no curso de Pedagogia e finalmente em maio de 2006 as DCNP foram homologadas.

2.1 A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

As necessidades educacionais vêm se modificando ao longo de nossa história, e a função das instituições escolares, bem como a dos profissionais que a compõem, sofreram e sofrem inúmeras alterações em meio a este cenário. A entrada do pedagogo como um ser atuante na orientação e gestão educacional, é um exemplo que retrata um dos inúmeros marcos importantes da trajetória deste profissional. De acordo com Libâneo (2001), acerca de 20 anos o pedagogo é questionado sobre sua identidade e formação.

Ao analisarmos a LDB dos anos de 1961, 1971 e 1996 (atual), pudemos perceber o quanto o papel da escola cresceu na sociedade brasileira e com isso inúmeros aspectos sobre ela foram ampliados e nesse contexto o papel da profissão “Pedagogo” esteve sempre presente. Inicialmente, na década de 60, a Lei 4.024 - LDB enfatizava a formação do orientador educacional como um cargo a ser assumido por indivíduos cuja escolaridade não necessitava ser de uma graduação específica, sendo exigida a realização de cursos especiais que atendessem as condições referentes a cada modalidade de ensino. Poderiam exercer a função os formados em ensino na modalidade Normal e os licenciados em Pedagogia, Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais e Educação Física.

Art. 52. O ensino normal tem por fim a formação de professores, orientadores, supervisores e administradores escolares destinados ao ensino primário, e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos relativos à educação da infância. (Lei n. 4.024/61, Art. 52º).

Art. 62. A formação do orientador de educação será feita em cursos especiais que atendam às condições do grau do tipo de ensino e do meio social a que se destinam. (Lei n. 4.024/61, Art. 62º).

Art. 63. Nas faculdades de filosofia será criado, para a formação de orientadores de educação do ensino médio, curso especial a que terão acesso os licenciados em Pedagogia, filosofia, psicologia ou ciências sociais, bem como os diplomados em Educação Física pelas Escolas Superiores de Educação Física e os inspetores federais de ensino, todos com estágio mínimo de três anos no magistério. (Lei n. 4.024/61, Art. 63º).

Art. 64. Os orientadores de educação do ensino primário serão formados nos institutos de educação em curso especial a que terão acesso os diplomados em escolas normais de grau colegial e em institutos de educação, com estágio mínimo de três anos no magistério primário. (Lei n. 4.024/61, Art. 64º).

Percebemos a partir da mencionada Lei, uma preocupação quanto ao perfil do profissional que atuaria dentro das instituições escolares, cobrando destes a formação para o exercício de seu papel. Vilas e Santos (2008) em suas análises quanto ao papel do pedagogo e legislação, ressaltam que mesmo com uma Lei garantindo a inclusão da orientação educacional, o pedagogo concorria com outros profissionais para o exercício da função. Neste sentido, o perfil desse profissional passava a ser carregado de experiências que divergiam quanto à formação, acarretando em uma multiplicidade de visões frente ao trabalho a ser exercido.

A Lei 5.540, promulgada em 28 de novembro de 1968, reforma o ensino superior, e as posteriores publicações - Lei 5.564 de 21 de dezembro de 1968 e a Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971- deram ainda mais força para a instituição do reconhecimento e da obrigatoriedade da “orientação educacional”.

Art. 1º - A orientação educacional se destina a assistir ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito das escolas e sistemas escolares de nível médio e primário visando ao desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas. (Lei n. 5.564/68, Art. 1º).

Art. 10. Será instituída obrigatoriamente a Orientação Educacional, incluindo aconselhamento vocacional, em cooperação com os professores, a família e a comunidade. (Lei 5.692/71, Art. 10º).

Art. 33. A formação de administradores, planejadores, orientadores, inspetores, supervisores e demais especialistas de educação será feita em curso superior de graduação, com duração plena ou curta, ou de pós-graduação. (Lei 5.692/71, Art. 33º).

Na década de 90, a homologação da LDB 9.394 em 20 de dezembro de 1996, acarretou em novas mudanças nos vários campos educacionais. A partir da referida data o curso de graduação de Pedagogia foi o responsável pela formação do profissional que atuará na administração, planejamento, supervisão e orientação escolar.

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em Pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. (Lei 9.394/96, Art. 64).

Neste sentido, a função do pedagogo, ainda nomeado como orientador e/ou coordenador educacional em muitas regiões do país, adentra como uma função que gradativamente foi inserida nas novas necessidades do ambiente escolar. Após todos estes anos de trajetória do curso de Pedagogia, ainda é evidente o quanto a constituição histórica reflete na formação destes profissionais. As discussões e debates após a LDB 9.394/96, surgem para delinear o caminho de um profissional comprometido com a docência e a organização do trabalho pedagógico, o qual deveriam ter no exercício do seu trabalho funções que caracterizam seu perfil de profissional unitário, no entanto, vamos verificar que o que sobressai na atualidade é a dualidade e a sobrecarga funcional.

2.2 SER PEDAGOGO - FUNÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS ESCOLARES

A formação dos estudantes do curso de Pedagogia apresenta muitas demandas frente ao trabalho educacional, pois a função do pedagogo ao fim das muitas mudanças acabou por caracterizar-se em múltiplas possibilidades profissionais atuando, inclusive para além da área escolar, contribuindo com o seu trabalho nas empresas, nos órgãos públicos, nos sindicatos, nos partidos e nos movimentos sociais.

Verificamos, assim, uma ação pedagógica múltipla na sociedade, em que o pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não formal, criando formas de educação paralela, desfazendo praticamente todos os nós que separavam escola e sociedade. (LIBÂNEO, 2001, p.5).

No âmbito educacional, cujo trabalho aparece com maior frequência, além da docência, este profissional pode atuar na organização de processos educativos, na organização e gestão de sistemas, unidades e projetos educacionais, na elaboração da proposta pedagógica, na elaboração e coordenação de projetos de recuperação de estudos para alunos com menor rendimento e também atuar articulando a participação da família, professores e funcionários de forma crítica, criativa e transformadora no processo educativo. Para Libâneo (1996):

Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos

de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica. Em outras palavras, pedagogo, é um profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em várias modalidades e manifestações. (LIBÂNEO, 1996, p.116-117).

De acordo com Silva e Leite (2010) o objetivo do profissional pedagogo é colaborar no processo pedagógico, na administração do espaço e tempo da escola, visando sempre a melhor forma de atender o aluno. Em sua ação pedagógica o pedagogo deve proporcionar aos alunos o saber sistematizado, desenvolvendo propostas de acordo com a individualidade e realidade do âmbito escolar em que atua.

Segundo Silva e Leite (2010) após a promulgação das DCNP, a base da formação deste licenciado é a docência, a qual é entendida como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia. No entanto, aos nos termos ao texto das DCNP (5/2005) que apresentam as incumbências e responsabilidades estabelecidas em relação à formação do Pedagogo verificamos que há de fato uma tentativa de romper com a visão fragmentada das funções deste profissional. Porém elas ampliam demasiadamente as possibilidades de ação deste profissional e nos parece bastante importante discutirmos quais as reais possibilidades da formação com foco na docência possibilitar que todas as outras atribuições sejam garantidas.

Para melhor compreendermos o que se espera desse novo profissional de acordo com as DCNP atuais, fizemos um exercício elencando suas atribuições separando-as em três setores: atuação política, docência na educação básica e pedagogo como gestor.

Segundo as DCNP do novo Pedagogo espera-se atitudes que englobamos na categoria, Atuação Política, ou seja ele deverá:

I- Atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;
X- demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras;

Essa atitude Política deverá se revelar certamente na sua atuação como docente, porém ao atuar neste âmbito outras atribuições específicas lhe são

conferidas, as quais criamos uma segunda categoria intitulada Docente da educação Básica, para o qual espera-se que tenha as seguintes características:

- II- Compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social;
- V- reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas;
- VI- ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes faces do desenvolvimento humano;
- VII- relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas;

E por fim, o que mais nos interessa nesse momento são as atribuições que seriam peculiares ao profissional formado em Pedagogia que atuará na função de gestor, categoria que intitulamos Pedagogo e Gestão:

- III- Fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria;
- VIII- promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade;
- IX- identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;
- XI- desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento;
- XII- participar da gestão das instituições contribuindo para elaboração, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico;
- XIII- participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;
- XIV- realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não-escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas;
- XV- utilizar, com propriedade, instrumentos próprios para construção de conhecimentos pedagógicos e científicos;
- XVI- estudar, aplicar criticamente as diretrizes curriculares e outras determinações legais que lhe caiba implantar, executar, avaliar e encaminhar o resultado de sua avaliação às instâncias competentes.

Deixamos de fora da categorização das funções do pedagogo a que se refere ao seu trabalho em espaços não-escolares, porque nosso foco nesse trabalho é pensar a formação desse profissional no âmbito educacional, mas a título de reflexão apresentamos a seguir o que se espera desse profissional nesse contexto.

IV- Trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo.

Ao analisarmos todas as incumbências do pedagogo, podemos ressaltar que é um campo de atuação muito amplo abrangendo uma infinidade de tarefas que eram anteriormente divididas entre outros funcionários do âmbito educacional. E mesmo as DCNP afirmando que a identidade do pedagogo tem a docência como sua base, os cursos de licenciatura em Pedagogia se propõem a realizar a formação do profissional apto ao trabalho pedagógico em um sentido amplo, envolvendo a docência e as funções administrativas da escola (as quais abrangem o papel do antigo supervisor, orientador e gestor). Desta forma, o campo de atuação do pedagogo passou a ser a:

Docência na educação infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas do curso de Ensino Médio na modalidade Normal, assim como em Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar, além de em outras áreas nas quais conhecimentos pedagógicos sejam previstos; **Gestão** educacional, entendida numa perspectiva democrática, que integre as diversas atuações e funções do trabalho pedagógico e de processo educativos escolares e não- escolares, especialmente no que se refere ao **planejamento**, à **administração**, à **coordenação**, ao **acompanhamento**, à **avaliação** de planos e de projetos pedagógicos, bem como análise, formulação, **implementação**, acompanhamento e avaliação de **políticas públicas** e institucionais na área de educação; Produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional. (BRASIL, 2006, *apud* MACEDO; STOCKMANN, 2011). (grifo nosso)

Com todas estas atribuições, o pedagogo tornou-se um profissional chamado de unitário, ou seja, as especializações que dividiam a atuação desse profissional desde a formação inicial desaparecem e teria que dar conta de formar alguém capaz de pensar a escola não mais a partir das especialidades, mas compreendê-la na sua totalidade, isto é, capturar as implicações dos tempos, espaços, sujeitos e relações de poder que perpassam esse ambiente favorecendo a superação de uma prática fragmentada.

Esse pedagogo unitário é a síntese proposta ou sonhada de um profissional que tenha uma sólida formação teórica, um compromisso político e uma clareza das questões sociais emergenciais que se põem diante da escola. É um profissional que, aliado ao professor, enfrenta alguns desafios que a realidade impõe. (URBANETZ; SILVA, 2008, *apud* MACEDO; STOCKMANS, 2011).

Assim, segundo Santos e Silva (2007) no lugar da figura do orientador educacional e do supervisor escolar, têm-se agora um pedagogo, que é também caracterizado como polivalente e multifuncional - unitário. Com esta nova organização do trabalho, encontramos benefícios e também dificuldades que atingem diretamente a comunidade escolar. Dentre estes, podemos citar a questão da formação dos profissionais (que por sua vez deverá favorecer a construção de um olhar voltado para a totalidade dos processos educacionais) e também a questão da sobrecarga de funções, que acarretou em uma nova crise de identidade da profissão e na precarização do trabalho desenvolvido, visto que instituições que tinham mais de profissional (o supervisor e o orientador, por exemplo), muitas vezes conta com apenas um profissional que deverá atender as muitas demandas da escola.

Tal fato se deu no Brasil inteiro, no entanto, iremos nesse trabalho nos atermos a compreender como o estado do Paraná regulamentou a função do pedagogo no que tange a sua atuação fora da sala de aula, apresentando a Lei Complementar 103/2004 que regulamentou o cargo de professor-pedagogo e aprofundando as questões apontadas sobre os benefícios e dificuldades encontrados na função do pedagogo unitário.

2.3 O PEDAGOGO NO ESTADO DO PARANÁ

A função do pedagogo no ambiente escolar foi sendo construída mediante as necessidades que a sociedade e o mercado criaram no decorrer do tempo. Sua atuação neste sentido, perpassou por diversas fases e questionamentos de várias instâncias sociais e educativas, que transformaram o pedagogo no que ele é hoje. Inúmeros foram os questionamentos que surgiram a respeito dos problemas enfrentados com a fragmentação do trabalho pedagógico em todo o Brasil ao longo

da década de 60, 70, 80 e 90, porém no decorrer destas discussões e estudos, o estado do Paraná delineou um rumo diferente.

De acordo com Arruda (2009), o pedagogo no estado do Paraná tinha suas funções fragmentadas e delimitadas. Somente no final do século XIX, com a criação da inspeção escolar (cargo que passou de administrativo para técnico) o estado demonstrou indícios do que viria a ser o cargo do atual Professor-Pedagogo. Na década de 50 o Paraná criou as Inspetorias Auxiliares de Ensino (IAE), as quais eram compostas por uma equipe de apoio que realizavam trabalhos de assessoramento pedagógico. Logo em seguida o Estado criou o cargo orientador pedagógico o qual era de indicação do diretor da escola.

A partir de 1963 o Ministério de Educação e Cultura - MEC instituiu em todo o país o Serviço de Supervisão - SSPR (setor Paraná), o qual tinha por finalidade treinar professores leigos. Logo após, em 1967 surgiu o Centro de Treinamento do Magistério Paranaense (CETEPAR) com a mesma finalidade. Com a aprovação da LDB 5692/71 foi implantado o Serviço de Supervisão Escolar, porém o cargo ainda era escolhido pelo diretor da instituição. Segundo Arruda (2009) o Decreto 1041/70 e a Lei 00013/81 possibilitaram o ingresso do professor primário para o cargo de especialista e só em 1993 foi realizado concurso para supervisor de ensino. A Resolução 3651/2000 alterou as funções de orientador educacional e supervisor pedagógico, os quais a partir de então passaram a fazer parte da equipe pedagógica e tornaram-se responsáveis pela coordenação e implantação das Diretrizes Curriculares definidas no Projeto Político Pedagógico e no Regimento Escolar. Após esta resolução o quadro de profissionais seria redistribuído de acordo com o número de alunos nas escolas.

Em meio a estas mudanças, o Conselho Estadual de Educação do Paraná, com a intenção de definir o trabalho do pedagogo (de acordo com as leis atuais) e acabar com a fragmentação do trabalho no ambiente escolar, criou de acordo com a Lei Complementar 103/2004 o cargo de Professor-Pedagogo. A referida Lei (Capítulo IV, Art.5º, §4º) exige do Professor-Pedagogo, o qual irá ocupar os cargos de coordenador, administrador escolar, planejamento, supervisão e orientação educacional, a graduação em Pedagogia.

§ 4º. Para o exercício do cargo de Professor nas atividades de coordenação, administração escolar, planejamento, supervisão e orientação educacional é exigida graduação em Pedagogia.

A Lei Complementar 103/2004, ressalta ainda que:

Art. 33. Os cargos de Professor e Especialista de Educação, que compõem o Quadro Próprio do Magistério da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná, ficam transformados em cargos de Professor, sendo que os ocupantes dos referidos cargos ficam enquadrados no presente Plano de Carreira do Professor, obedecidos os critérios estabelecidos nesta Lei.

Art. 39. Ficam considerados em extinção, permanecendo com as mesmas nomenclaturas, os cargos de Orientador Educacional, Supervisor Educacional, Administrador Escolar na medida em que vagarem, assegurando-se tratamento igual ao que é oferecido ao Professor, inclusive o direito ao desenvolvimento na carreira, para aqueles que se encontram em exercício.

O pedagogo tinha então um novo desafio: o de realizar seu trabalho de maneira não fragmentada e o de conhecer a escola como um todo, favorecendo a apropriação de novos conhecimentos por parte dos profissionais envolvidos no sistema de ensino, e com a intenção de construir uma nova concepção de pedagogo. Porém, de acordo com Arruda (2009, p.25),

O obstáculo reside nesta “unificação” de funções que acarreta a sobrecarga dos pedagogos em função do elevado número de atribuições propostas pela Secretaria de Estado da Educação e pelo Regimento Escolar. Atribuições que antes eram distribuídas a diversos profissionais, com enfoques diferentes para cada função. Com a unificação das funções percebe-se um acúmulo de serviço, em função do “enxugamento da máquina”, próprio do sistema capitalista.

Neste sentido, o profissional da educação (que a partir de então tem sua base na formação docente) se depara com um maior número de funções a serem desempenhadas dentro do âmbito escolar. Essas inúmeras atribuições acabam por gerar uma sensação de sobrecarga, visto que o pedagogo passou a ser responsável por todas as incumbências dos supervisores e orientadores escolares.

Ao analisarmos o edital N° 37/2004, que tornou público o concurso para o cargo de Professor-pedagogo, encontramos a descrição das atividades deste profissional nos estabelecimentos de ensino de educação infantil, educação profissional, ensino fundamental e médio. Dentre as funções descritas no referido edital, podemos destacar a atividade de coordenação, elaboração e acompanhamento do projeto político-pedagógico e do plano de ação da escola, a organização do tempo escolar e de projetos para a formação continuada, de

orientação para o processo de elaboração dos planejamentos, de elaboração de projetos de recuperação de estudo para alunos com dificuldades de aprendizagem, de organização para a realização dos conselhos de classe, de coordenação do processo de elaboração e aprimoramento do regimento escolar garantindo a participação democrática da comunidade, do desenvolvimento de projetos que promovam a interação entre a comunidade e a escola, bem como a representatividade dos alunos, a construção de estratégias pedagógicas de superação de todas as formas de discriminação e preconceito, dentre tantas outras atribuições fundamentadas pela legislação educacional e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Recentemente, o edital N.º 170/2013 – GS/SEED, que tornou público o concurso para o processo seletivo simplificado - PSS, ressalta no item 3, as atribuições do cargo de professor-pedagogo, as quais permanecem as mesmas (descritas somente de maneira simplificada) e acrescenta-se no edital o preenchimento do Livro Registro de Classe de acordo com as Instruções Normativas da SEED.

Desenvolver e aplicar atividades de Suporte Pedagógico, voltadas para planejamento, administração, supervisão e orientação educacional, tais como: coordenar a elaboração e execução da proposta pedagógica da escola; administrar o pessoal e os recursos materiais e financeiros da escola, tendo em vista o atingimento de seus objetivos pedagógicos; assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas; zelar pelo cumprimento do plano de trabalho dos docentes; prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento; promover a articulação com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; informar os pais ou responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola; coordenar, no âmbito da escola, as atividades de planejamento, avaliação e desenvolvimento profissional; acompanhar e orientar o processo de desenvolvimento dos estudantes, em colaboração com os docentes e as famílias; elaborar estudos, levantamentos qualitativos e quantitativos indispensáveis ao desenvolvimento do sistema ou rede de ensino ou da escola; elaborar, implementar, acompanhar e avaliar planos, programas e projetos voltados para o desenvolvimento do sistema e/ou rede de ensino e da escola, em relação a aspectos pedagógicos, administrativos, financeiros, de pessoal e de recursos materiais; coordenar a organização espaço-tempo escolar a partir do Projeto Político-Pedagógico e da Proposta Pedagógica Curricular da Escola, intervindo na elaboração do calendário letivo, na formação de turmas, na definição e distribuição do horário semanal de aulas e disciplinas, da hora-atividade, o preenchimento do Livro Registro de Classe de acordo com as Instruções Normativas da SEED; acompanhar e supervisionar o funcionamento das escolas, zelando pelo cumprimento da legislação e normas educacionais e pelo padrão de qualidade de ensino.

Visto as atribuições deste profissional, propostas pelo estado do Paraná, tem-se um novo perfil do pedagogo atuando nas escolas. De acordo com Freitas (2007),

Observa-se que houve uma junção das tarefas que até então eram realizadas pelo orientador ou supervisor e que passam a ser desenvolvidas pelo professor-pedagogo. No entanto, a formação destes profissionais foi específica, portanto em sua grande maioria, não possuem embasamento teórico para cumprir as exigências que lhe são postas diariamente e o que, muitas vezes, acontece é que o pedagogo acaba atirando para todos os lados e, à medida que é utilizado, serve para “apagar incêndios”, o que, por fim, descaracteriza seu papel. (FREITAS, p.17)

O número elevado de atribuições para os pedagogos, de acordo com Kuenzer (2002, citado por ARRUDA, 2009) acaba precarizando o trabalho pedagógico, no qual o profissional muitas vezes passa a ater-se a atividades que são alheias à função pedagógica, dificultando a efetivação e a realização do seu trabalho. Sendo assim, muitas vezes o papel do pedagogo é influenciado pela prática do imediatismo, o qual cotidianamente resolve problemas e conflitos emergenciais.

Essas novas atribuições e modo como foi implementado pelo estado do Paraná a concepção de pedagogo unitário nos levou durante nosso estágio a levantar algumas questões sobre esse profissional, tais como: Este pedagogo dá conta de realizar todas as funções previstas? O que de fato acarreta na sobrecarga destes profissionais? Como é a qualidade e qual a dificuldade encontrada no trabalho por eles desenvolvido? Os questionamentos descritos, suscitaram a busca pelas respostas e a compreensão sobre este profissional e como ele mesmo pensa a sua atuação. Por isso, a pesquisa ora apresentada buscou ouvir as pedagogas sobre essas questões, o que será apresentado a seguir.

CAPÍTULO 3

3. EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS - A INSTITUIÇÃO E O PROFESSOR-PEDAGOGO

Neste capítulo explicitaremos o contexto que permeou a trajetória de nossa pesquisa. Relataremos alguns dados referentes à instituição observada, tais como o número de funcionários e alunos, a localidade e a estrutura do colégio. Posteriormente, apresentaremos os perfis das pedagogas entrevistadas, sobre as temáticas relacionadas às funções que elas desempenham no âmbito educacional e a trajetória de suas carreiras.

Em nossos estudos e observações sobre a escola e o espaço, ficou evidente que além do espaço determinado para o aprender, outros presentes na sociedade, mesmo que de maneira implícita, se tornam lugares de educação. Exemplos destes podem ser: o lar, as ruas, praças, lojas, etc. Todos, a sua maneira, criam e reproduzem cultura, saberes e aprendizado. Porém, a criação de um espaço fixo destinado ao ensino, que ofereça uma estrutura adaptada e construída exclusivamente para tal objetivo, se deu de maneira gradativa ao longo de nossa história.

A aceitação da necessidade de um espaço e de um edifício próprios, especialmente escolhidos e construídos para ser uma escola, foi historicamente o resultado da confluência de diversas forças e tendências (VIÑAO, 2001, p.73).

Deste modo, o espaço escolar ao longo dos anos foi sendo construído e adequado para a aprendizagem, alterando a sua arquitetura e funcionamento. O colégio em que realizamos nossas observações, está localizado na cidade de Curitiba, no bairro do Portão. Classificado como instituição de grande porte, tem como entidade mantenedora a SEED. Em fevereiro de 1965, instalou-se em sede própria. Atende a uma clientela advinda de vários outros bairros da capital, tendo em vista sua proximidade ao terminal do Portão. A equipe de professores é composta por 140 funcionários, sendo que dentre eles, 68 ingressaram no estado por meio do

PSS. Ao todo são 2.431 alunos, somando 898 no período da manhã, 871 no período da tarde e 662 no período da noite.

No registro encontrado em seu Projeto Político Pedagógico, a instituição passou por inúmeras mudanças estruturais que refletiram na criação e desenvolvimento de sua arquitetura atual.

Em 2005, foi autorizada pela SEED a implantação gradativa dos seguintes Cursos Profissionais Integrados: Administração, Informática e Secretariado, com a duração de quatro anos cada, para alunos que concluíram o Ensino Fundamental. A instituição apresenta um excelente espaço físico, constituído por quatro prédios recentemente reformados. Esta estrutura é composta por laboratórios de física, química e biologia, acervo com aproximadamente dezessete mil livros, videoteca e salas de aulas com multimídia, que dão suporte ao processo de ensino-aprendizagem, embora se faça necessário a constante manutenção, ampliação e atualização dessas estruturas.

3.1 PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Como já havíamos anunciado, a nossa estratégia de pesquisa foi desenvolvida com base na perspectiva qualitativa, realizada por meio da observação participante e em entrevistas. Os dados que explicitam os procedimentos metodológicos e os sujeitos desta pesquisa, estão descritos no capítulo 1 deste trabalho.

Em nossos estudos sobre o professor-pedagogo, não encontramos produções teóricas referentes à trajetória de vida deste profissional, nem materiais que relatassem questões que dizem respeito à análise de aspectos da vida pessoal e da construção de sua carreira. Em sua maioria, os textos descrevem o desenvolvimento da profissão do professor, apontando as questões sociais que interferem diretamente na estruturação da identidade e do perfil profissional dos mesmos. Assim, na falta de produção específica sobre o profissional professor-pedagogo nos apropriamos de algumas produções teóricas relativas ao professor na tentativa de compreender essa carreira e profissionalização tão recente na história da educação brasileira. Sabemos que é um risco, mas acreditamos que seja um ponto de partida para a constituição de um campo de investigação necessário.

Huberman (2000, citado por Lawall et AL., 2009) retrata a evolução da carreira docente, dividida em cinco fases: a entrada na carreira (de 1 a 3 anos de profissão), a estabilização (de 4 a 6 anos), a experimentação ou diversificação (de 7 a 25 anos) e a preparação para a aposentadoria (35 a 40 anos de profissão). Considerando a mesma perspectiva, podemos afirmar que dentre os sujeitos da nossa pesquisa, três encontram-se na terceira fase: “experimentação ou diversificação”, pois possuem entre 7 e 25 anos de carreira. Desta maneira,

Os professores nessa fase seriam os mais motivados, os mais dinâmicos, os mais empenhados nas equipes pedagógicas ou nas comissões de reforma que surgem em várias escolas, podendo levar a uma ambição pessoal por acesso aos postos administrativos, afastando-se, dessa forma, da “rotina” da sala de aula, como consequência da busca por novos desafios. (Huberman, 2000, citado por Lawall et al., 2009)

Como Huberman relatou, esta ambição pessoal por outros cargos que fujam da rotina de sala de aula, podem ter caracterizado a escolha dos profissionais entrevistados na busca por novos desafios. Tais profissionais são em sua totalidade do sexo feminino, tendo a média etária de 49,75 anos. Quanto à formação, duas delas realizaram o curso de magistério, a graduação e uma pós-graduação em nível de especialização. As outras duas somente a graduação em Pedagogia. Dentre todas, três possuem formação em Pedagogia por meio das antigas habilitações.

Todas as pedagogas entrevistadas já atuaram como professoras. Três delas ao longo de dez anos e uma delas durante dois anos. Desempenhando a função de pedagoga, elas possuem 15, 12, 5 e 14 anos de experiência. Todas já trabalharam em outras áreas antes de ingressar na carreira educacional. Observe a seguir a esquematização dos dados acima descritos.

QUADRO 1

PEDAGOGAS	PEDAGOGA 1	PEDAGOGA 2	PEDAGOGA 3	PEDAGOGA 4
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade	55 anos	50 anos	48 anos	46 anos

Formação	Magistério/ Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia	Magistério/ Pedagogia
Especialização	Sim	Não	Não	Sim
Tempo de atuação como professora	10 anos	10 anos	10 anos	2 anos
Tempo de atuação como pedagoga	15 anos	12 anos	5 anos	14 anos
Tempo na instituição	25 anos	22 anos	5 anos	4 anos

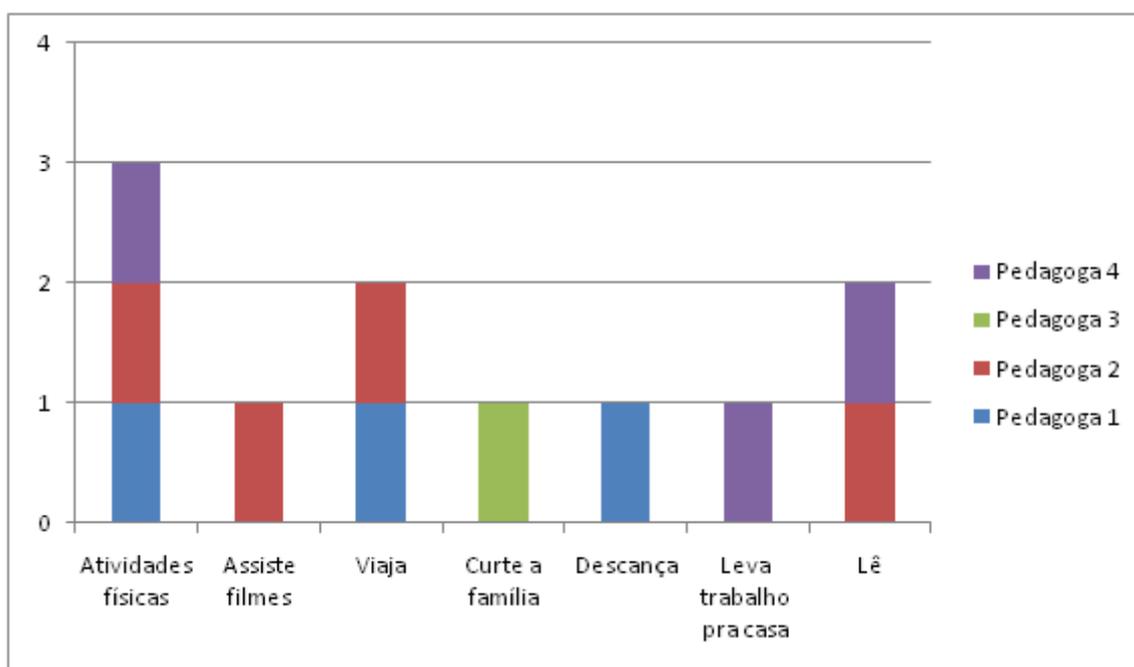
Quando foram questionadas sobre a escolha da profissão professor-pedagogo, a P1 relatou que prefere ser professora, a P2 escolheu a profissão por acreditar que pode tentar mudar a realidade das escolas, a P3 por influência familiar e a P4 por que havia comprado uma escola. Vieira (2002), em seu livro “Ser professor: pistas de investigação”, relata que a vocação, os familiares, o acaso e a questão da sobrevivência são as principais razões que motivaram a escolha de alguns professores para a carreira da docência. Enquanto professor-pedagogo percebemos que estas escolhas, perpassam por caminhos um pouco diferentes, pois abrangem além das influências familiares, o sonho por melhorar e mudar a realidade das escolas. Talvez isso nos indique um profissional que está preocupado com uma questão mais abrangente, pois não está focado na sala de aula, mas na escola como instituição.

Pudemos perceber que as pedagogas atuam, desde o seu ingresso no estado, no referido colégio e a maioria trabalha em dois turnos. Duas delas tem sua experiência profissional construída somente nesta instituição (como professoras e atualmente pedagogas). As outras duas tem experiências de outras escolas, sendo a P3 com experiência somente em docência e a P4 com experiência em docência e como pedagoga da rede particular de ensino. Desta maneira, ao longo de nossas observações neste ambiente escolar, criamos a hipótese de que as condições favorecidas pela instituição de ensino e também pelo estado do Paraná, estejam de acordo com as expectativas das profissionais. Para explicar tal permanência das pedagogas na instituição, há também o fator da proximidade residencial das

mesmas ao colégio e a possibilidade de “acomodação” frente ao crescimento de suas carreiras, a qual caracteriza-se por vezes como uma resistência às mudanças ou em uma estagnação do trabalho. Para melhor compreender quem eram essas profissionais e se a função como pedagoga influenciava de algum modo seus gostos e opções culturais buscamos investigar como usavam seu tempo livre.

Quando questionadas sobre este aspecto as entrevistadas elencaram, de acordo com a tabela a seguir, alguns itens referentes aos seus momentos de lazer:

TABELA 1



Ficou evidente que a maioria das pedagogas realizam atividades físicas regularmente em seu tempo livre. Além disso, viajar e ler foram uma das alternativas mais apontadas. Apenas uma profissional relatou levar trabalho para casa quando questionada sobre o que realiza em seu tempo de lazer. Embora acreditamos ser inusitado este fato, consideramos bastante importante que a maioria das pedagogas tenham em sua rotina atividades culturais.

Porém, ao longo do acompanhamento da rotina das pedagogas, pudemos perceber que quase todas têm dificuldade quanto à organização do tempo e do trabalho que deve ser desenvolvido. Neste sentido, as atividades que deveriam ser exercidas na escola, como a correção de planejamento e de livros de chamada, acabam por ser realizadas em seu ambiente domiciliar, reduzindo o seu tempo de

lazer. Semelhante ao que ocorre com o professor, elas também têm o tempo do trabalho estendido para suas casas, reduzindo-lhes o tempo livre.

3.2 DAS FUNÇÕES DESEMPENHADAS

Um dos maiores questionamentos a respeito da profissão professor-pedagogo, diz respeito às atribuições destes profissionais. Quando questionadas sobre a função que exercem no âmbito educacional, uma das entrevistadas declarou que atua como pedagoga auxiliar da direção, cuidando das questões relacionadas aos horários de professores e alunos. As demais pedagogas relataram que realizam (ou deveriam realizar) a organização do trabalho pedagógico, ressaltando o atendimento aos professores e alunos.

Cada uma das profissionais possui suas preferências quanto às atividades que desempenham. A P1 e a P3 disseram gostar mais do trabalho com os alunos, a P2 falou da elaboração de palestras para os alunos e professores e a P4 ressaltou o atendimento e auxílio aos professores. Analisando o dado referente à formação destas profissionais, constatamos que três das pedagogas são formadas ainda sob a égide das habilitações, sendo a P1 orientação educacional, supervisão e administração escolar e a P2 e a P4 supervisão escolar. Já a P3 é licenciada na “nova” perspectiva, ou seja, pedagogo unitário. Pudemos notar que o trabalho de maior preferência, em grande parte dos casos, condiz com a habilitação escolhida ao longo da trajetória acadêmica destas profissionais. Todas as pedagogas afirmaram receber apoio da direção do colégio no exercício de sua função e evidenciaram que a divisão do trabalho pedagógico se dá por blocos e séries de ensino.

Ao longo da entrevista, quando questionada sobre como é a sua rotina enquanto pedagoga, a P1 listou algumas de suas atribuições diárias, ressaltando “não dar conta” de realizar tudo o que é proposto.

Inicialmente é **verificar** a questão de **se os professores estão em sala**, depois verificar **os alunos atrasados**, a questão de **uniforme**, é, assim, **auxiliar os professores** na questão disciplinar e acompanhar as questões dos períodos em que você tem que **vistar os livros**, dar o **atendimento na hora atividade** com os professores (que às vezes fica um pouco difícil, a gente não consegue dar conta de tudo). Mas é nesse sentido. (P1., entrevista, 01/09/2014, Curitiba) (grifo nosso)

Constata-se que a maior parte do tempo é gasta com questões referentes ao uniforme, ao atraso dos alunos e a verificação dos professores em sala nos seus respectivos horários. De acordo com Vila e Santos (2008) muitas funções que são determinadas por conflitos do cotidiano escolar ocupam grande parte do tempo do pedagogo, o qual acaba deixando sua função específica (que segundo as entrevistadas seria a organização do trabalho pedagógico, o atendimento aos alunos e professores, conforme citado acima) em segundo plano, em detrimento a outras de cunho pedagógico ou não. A P3 utiliza-se da expressão “apagar incêndio” no intuito de caracterizar seu desempenho profissional. Segundo seu relato, os professores muitas vezes entram na instituição despreparados e não conseguem manter a disciplina entre os alunos, recorrendo ao pedagogo para que o mesmo solucione tais problemas.

Atualmente, o pedagogo, é o profissional proclamado a apagar os “**incêndios da escola**”. Descaracterizado, muitas vezes, de seu papel, perpassa **múltiplas funções**, sendo caracterizado como, porteiro, segurança, substituto de professor, secretário, bibliotecário, auxiliar de diretor, dentre outras. (VILLA e SANTOS, 2008, p.12) (grifo nosso)

Villa e Santos, ressaltam neste trecho questões que vem ao encontro da realidade observada e vivenciada no colégio. Verificamos, por exemplo, que as pedagogas dificilmente conseguem realizar o atendimento aos alunos com dificuldades de aprendizagem e até mesmo o auxílio e apoio na construção e correção dos planejamentos realizados pelos professores.

No cotidiano escolar, os profissionais gastam a maior parte do tempo buscando resolver situações de conflitos que surgem repentinamente, levando-os ao desgaste físico e emocional e em consequência a desmotivação profissional. Tal situação acaba deixando em segundo plano o objeto maior, o qual é a preocupação com a efetivação do ensino-aprendizagem. (VILA, SANTOS, 2008, p.11)

Assim, a maior parcela do tempo dos profissionais é tomada por situações ação imediatista, como a resolução de conflitos entre os discentes e docentes, o cumprimento das normas presentes no regimento escolar por parte dos alunos e o atendimento a situações emergenciais (alunos que passam mal, por exemplo). As próprias pedagogas salientam que fazem um pouco de tudo.

[...] Aqui a nossa função é a organização do trabalho pedagógico, que é a função principal do pedagogo, mas você faz um pouco de tudo, de repente é zelador, inspetor, você faz um pouco de tudo enquanto pedagoga. (P1., entrevista, 01/09/2014, Curitiba)

[...] Esse atendimento aos alunos, por exemplo, que machucou, que aconteceu... A gente também assume. A indisciplina, a gente também assume. E assim vai, então assim, ninguém conta isso pra você. Que você tem que ser tipo um “bombril” (P4., entrevista, 18/09/2014, Curitiba)

Como observamos, são inúmeras as responsabilidades a serem assumidas pelo pedagogo e alguns autores retratam sua preocupação no desenvolvimento do trabalho de um profissional carregado de tantas atribuições.

[...] fica evidente a pulverização do trabalho do pedagogo, havendo uma dicotomia entre o que é atividade do pedagogo e de outros profissionais da escola, sendo que muitas vezes não lhe sobra tempo para atuar como pedagogo, a saber, muitas vezes fazendo o papel de inspetor de alunos, telefonista, bibliotecário, psicólogo [...] (BELLONI, 2008, s/p)

Ao professor-pedagogo, atualmente reconhecido como unitário, é atribuído uma infinidade de funções que perpassam pela orientação, gestão e supervisão escolar. Além de todas estas tarefas, este profissional acaba por ter que desempenhar atividades que não lhe competem. A P4, em seu relato, evidenciou o fato de ocupar o seu tempo realizando uma enorme quantidade de trabalhos que nem sempre são bem feitos.

É o tempo todo atendendo aluno. A gente atende pai, entrega boletim. É aluno que passa mal... Você faz um monte de coisa, mas nada é bem feito. (P4., entrevista, 18/09/2014, Curitiba).

Em meio a tantas atribuições, a qualidade do trabalho que é desenvolvido fica comprometida. Sendo assim, percebemos a

[...] insatisfação existente entre os profissionais da área, causada pela diversidade de tarefas desempenhadas pelos pedagogos na escola, de cunho pedagógico ou não; falta de conhecimento por parte de alguns docentes sobre a real função do pedagogo, bem como a falta de profissionais para realizar as outras atividades, demandadas pelo Colégio, que acabam sobrecarregando o pedagogo, **impedindo-o de desempenhar com qualidade a sua atribuição primordial que é oferecer suporte pedagógico aos professores para que juntos possam garantir êxito ao processo ensino-aprendizagem.** (LEONEL, ROSSI, 2010, p.3) (grifo nosso)

Quando questionadas sobre a maior dificuldade ao exercer a função de pedagoga, a P2 relatou que o seu maior obstáculo é o contato com os familiares e a aceitação dos mesmos quando os filhos não estão estudando. Esse conflito entre família e escola tem sido constante no ambiente observado. De acordo com Coelho, Nunes e Rodrigues (2009, p.6),

[...] o papel social da escola é uma via de mão dupla entre a família e a escola, a comunidade escolar vem buscando mecanismo para ver a participação familiar de forma mais eficaz e com maior comprometimento, sabendo que ainda está muito longe do objetivo almejado, no entanto não se pode deixar de continuar buscando métodos que venham aproximar cada vez mais as famílias do educando para a escola.

Em nossas observações, acompanhamos o árduo trabalho das pedagogas na tentativa de informar para os responsáveis sobre questões que diziam respeito às notas ou ao desrespeito às normas previstas no regimento escolar. Estas tentativas de contato se deram por meio de comunicados via agenda e telefonemas, porém poucos pais atenderam a solicitação e compareceram à escola. Com relação aos alunos que atingiram um bom rendimento e que não possuem problemas de indisciplina, ficou evidente a despreocupação, por parte da equipe pedagógica e do envolvimento das famílias.

Outras dificuldades encontradas foram, para a P3, o despreparo dos professores e para a P4 o fato de não conseguir realizar um trabalho de qualidade. Neste sentido, baseadas nos relatos das próprias entrevistadas, compreendemos que há uma significativa preocupação com relação ao trabalho que não é realizado da maneira que elas gostariam. A P1 salienta que em grande parte, o exercício da função não se dá de “maneira correta” devido à má organização do tempo e do desempenho de funções que não lhe competem.

Eu ainda sinto a questão do tempo, da organização do tempo, que você às vezes pega umas funções que não são suas [...] A gente sempre fala, fala, mas não consegue exercer bem corretamente a função e organizar esse tempo. (P1., entrevista, 01/09/2014, Curitiba)

Mesmo com todas as dificuldades, duas das entrevistadas garantem estar “80% satisfeitas” e as outras duas permeiam entre o “não muito” e o “não”, caracterizados respectivamente pela insatisfação por perceber os alunos

desinteressados e por não conseguir “realmente” desempenhar o seu trabalho de pedagoga conforme suas expectativas e o que está previsto pelo estado.

Por conta dessa insatisfação, nos interessou saber se as profissionais teriam o desejo de mudar algum aspecto de sua vida profissional ou do sistema educacional do qual faz parte. Desta forma, ao indagá-las sobre o que mudariam, a P1 ressaltou que seria um pouco mais enérgica com os alunos e mais firme em suas atitudes. A P2 salientou que não adiantaria que somente ela mudasse, mas sim o coletivo da escola. A P3 acredita que o professor que sai da universidade sem experiência nenhuma precisa de uma melhor preparação para entrar em sala de aula. Já a P4 delega a mudança ao sistema, acreditando que as funções desempenhadas pelo pedagogo devam ser novamente fragmentadas.

É importante também, salientar a relação entre a teoria (estudada ao longo da trajetória acadêmica) *versus* prática (vivência no trabalho). Ao serem questionadas sobre a existência de diferenças entre os estudos realizados ao longo de sua formação e a prática desenvolvida em seu cotidiano, todas as entrevistadas afirmaram existir uma grande diferença entre a teoria e a prática. De acordo com a P1, além desta diferença, ela evidenciou a necessidade da teoria como a base do seu trabalho na adequação da realidade.

O Pedagogo é aquele que procura conjugar a teoria e a prática a partir de sua própria ação [...]. Contudo, o pedagogo não pode ser um puro e simples prático nem um puro e simples teórico [...]. Só será considerado Pedagogo aquele que fizer surgir um *plus* na e pela articulação teoria-prática em educação. (HOUSSAYNE, 2004, *apud* SOARES, 2006, p.3).

Desta maneira, o pedagogo aparece como um profissional capaz de articular a teoria e a prática dentro da escola, fortalecendo assim a ação de todos os envolvidos no processo educativo.

Assim, o pedagogo será aquele profissional capaz de mediar teoria pedagógica e práxis educativa e deverá estar comprometido com a construção de um projeto político voltado à emancipação dos sujeitos da práxis na busca de novas e significativas relações sociais desejadas pelos sujeitos. (FRANCO, 2003, p. 110)

Vale destacar, conforme os relatos da entrevista, que nem sempre esta articulação é efetivada no contexto escolar devido à realidade que permeia as instituições. Porém, de acordo com Lemes *et al* (2011) é de suma importância que a

teoria esteja interligada com a prática e que seja condizente com a realidade vivida na sala de aula.

3.3 A FORMAÇÃO CONTINUADA

Ao pensarmos no campo educativo e nas relações de ensino-aprendizagem por ele favorecidas, a formação continuada se apresenta como um critério essencial que contribui para a discussão, a análise e a reflexão do trabalho desenvolvido por todos os profissionais envolvidos neste processo. Assim, esta formação é uma espécie de prolongamento dos estudos referentes à formação inicial de cada indivíduo.

O termo formação continuada vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional. (LIBÂNEO, 2004, p.227)

Cabe ressaltar, que a formação continuada interfere diretamente na melhoria da atuação do pedagogo e na superação de *déficits* existentes ao longo da formação inicial destes profissionais. De acordo com Leonel (s/d, p.3) é fundamental a

[...] formação continuada para o aperfeiçoamento e atualização do Pedagogo, partindo do pressuposto de que, além de proporcionar subsídios teórico-metodológicos para melhor direcionar a sua prática pedagógica, poderia também superar possíveis defasagens de formação inicial, situando-o social e historicamente em seu tempo.

Neste sentido, pensando na formação continuada e em sua relevância para o aperfeiçoamento dos profissionais, esta aparece como critério indispensável para a constante análise e otimização da prática realizada. De acordo com Belloni (2008, p.12),

[...] a formação continuada se apresenta como um dos critérios essenciais no campo educativo, que proporciona o fazer acontecer no interior da escola por meio de ações transformadoras da prática escolar. Devem ser oferecidas ao Pedagogo as possibilidades e condições para discutir, refletir e analisar sua formação embasada nos princípios da gestão democrática e participativa, tendo como referências: a ética, os valores, a autonomia da escola e a atitude investigativa.

É importante salientar que estas ações transformadoras são relevantes para que a atualização das práticas e conhecimentos, dentro do âmbito educacional, sejam de fato efetivas. Leonel (s/d, p.8) destaca a necessidade da formação continuada, declarando que a realidade encontra-se em constante transformação e o saber que construímos sobre ela precisa ser ampliado e revisto.

Baseadas nas considerações acima, indagamos as entrevistadas sobre a formação continuada, buscando compreender se elas permaneciam estudando e o porquê. Das respostas que obtivemos, verificamos que uma das pedagogas (P4) relatou que não continua estudando. Já a P1 restringe sua atual formação continuada às semanas pedagógicas, pois mencionou ter “avançado em todos os graus”.

Ultimamente não, porque eu já fiz e avancei todos os graus e a gente estuda esporadicamente, não em termos de cursos efetivos, mas nós temos sempre as semanas pedagógicas que é uma forma de estudos também. (P1., entrevista, 01/09/2014, Curitiba)

As outras duas profissionais estudam questões relacionadas ao Ensino Médio (etapa de ensino na qual trabalham) e uma delas ressaltou a necessidade desta formação, relacionando os problemas presentes neste ciclo.

[...] agora estou estudando a questão do Ensino Médio. Porque é necessário, porque conforme todos os estudos o Ensino Médio é um dos nós da educação. Por causa de todo o histórico dele [...] (P2., entrevista, 15/09/2014, Curitiba)

Sendo assim, é significativo evidenciar a importância de uma formação continuada na qual os profissionais tenham a oportunidade de refletir e analisar sobre a sua prática e criar novos modos de enfrentar a realidade que permeia a escola.

[...] A formação continuada não pode ser concebida apenas como um meio de acumulação de cursos, palestras, seminários, de conhecimentos ou técnicas, mas um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de construção permanente de uma identidade pessoal e profissional em interação mútua. (BRECKENFELD, GUIRAUD, ROMANOWSKI, 2009, p.3631)

Cabe ao pedagogo, a equipe diretiva da escola e a SEED, proporcionar aos professores e demais profissionais uma formação continuada de qualidade. É necessário garantir a construção de uma escola que pense a educação de maneira crítica, reflexiva e transformadora.

Necessitamos de um esforço não só do professor em transformar sua realidade, mas do Gestor/Pedagogo o desafio de despertar para uma escola de qualidade com identidade, fazendo com que as propostas de formação continuada tenham êxito efetivo na qualificação dos profissionais envolvidos no fazer pedagógico, de forma que a participação nos cursos, oficinas e palestras seja para todo o corpo docente e não para alguns privilegiados. (SANTOS, 2005, p.677)

Há também que se destacar, que a formação continuada dos profissionais da educação está assegurada na LDB n. 9394/96, em seu artigo 67, no qual consta que: “Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público”. Desta maneira, é fundamental que esta formação seja contínua e em permanente construção a fim de transformar as ações para a obtenção de um trabalho de qualidade.

3.4 A INFLUÊNCIA DA MOTIVAÇÃO NO EXERCÍCIO DO TRABALHO DO PEDAGOGO

Ao discursarmos sobre a importância da formação continuada e de uma prática alicerçada a teoria, a questão da motivação do pedagogo aparece de maneira essencial para o resultado positivo das ações desenvolvidas por eles no âmbito escolar.

A motivação é muito importante na formação do pedagogo, sendo responsável pelo fortalecimento de sua opção profissional e de sua prática pedagógica. Por isso, é necessário conhecer as variáveis pessoais que influem no interesse e na motivação, assim como as formas de atuação do professor que podem interagir em sua prática pedagógica, contribuindo nos mecanismos de motivação e no sucesso do processo ensino-aprendizagem. (NIMITT, PINTO, 2008, p.165)

O pedagogo, assim como o professor quando motivado, influencia de maneira positiva no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos

alunos e também no desempenho de toda a equipe pedagógica. Desta maneira, quando há insatisfação por parte dos profissionais envolvidos no processo educativo, fica evidente a queda da qualidade do trabalho.

A motivação deve ser vista em seu processo integrador, dinâmico e inacabado. Nesse processo, as expectativas do professor são fundamentais como motivadoras e facilitadoras da aprendizagem. Os sentimentos de insatisfação e mal-estar docente afetam não só os próprios professores, mas o clima vivenciado em sala de aula, pois a falta de investimento e de motivação dos professores contribui diretamente para o desinteresse dos alunos e compromete a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. (NIMITT, PINTO, 2008, p.162)

Percebendo a motivação como um fator de extrema necessidade e importância na carreira profissional dos pedagogos, e após reconhecermos as funções e as dificuldades encontradas no exercício do trabalho com a educação, questionamos as pedagogas sobre quais são as motivações que as fazem seguir na profissão e se em algum momento já pensaram em mudar de carreira.

A P1 e a P2 relataram nunca pensar em mudar de profissão mesmo com os momentos difíceis pelos quais já passaram ao longo de sua trajetória. A escolha por permanecer na carreira são respectivamente o amor que sente pela profissão e o apreço pelo convívio diário com os adolescentes e jovens. Em contrapartida, a P3 declarou que está difícil seguir na carreira e que já pensou em mudar e a P4 mostrou-se desmotivada quando disse pensar todos os dias em mudar e desistir da profissão.

Em meio a esta análise e tendo como dado a proximidade da aposentadoria da P1 e da P2 (alguns meses e aproximadamente três anos respectivamente) criamos a hipótese de que as mesmas que garantem nunca terem pensado em desistir, são profissionais que atuam na instituição há muitos anos, e neste sentido vivenciaram realidades distintas das quais hoje se encontram presentes. Esta realidade pode ser exemplificada pela clientela atendida, em virtude dos problemas disciplinares e também dos oriundos das estruturas sociais atualmente construídas. De acordo com a P1,

[...] o desinteresse dos alunos está muito grande em relação à educação. Então eu acho que a gente precisa rever um pouquinho... Pelo motivo de estar aposentando, fica um pouquinho dessa frustração de verificar o desinteresse pelo estudo... Sabe, do aluno estar se prejudicando e não ter consciência ou não quer ter consciência disso [...] (P1., entrevista, 01/09/2014, Curitiba)

A P3 e a P4 demonstram-se desmotivadas, porém não explicitaram a razão do descontentamento. Neste sentido, ao longo de nossas observações, podemos supor que a desmotivação destas profissionais abrange inúmeros aspectos presentes no cotidiano escolar que não dizem respeito somente aos alunos, mas também às funções desempenhadas e ao salário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os nossos estudos sobre a profissão professor-pedagogo, realizamos uma pesquisa sobre o histórico do curso de Pedagogia e a formação inicialmente fragmentada dos profissionais a serem formados, bem como o perfil atualmente construído do pedagogo unitário no estado do Paraná. Buscando compreender este novo profissional, verificamos que há um baixo número de trabalhos referentes a ele. Deste modo, nossa análise pautou-se em estudos relacionados ao professor, o que reforça a importância de novas produções que procurem depreender o ciclo de vida e essa nova profissionalização.

Ao longo de nossas observações constatamos que algumas das principais atribuições dos pedagogos acabam secundarizadas, como por exemplo, a realização da formação continuada dos professores em serviço, o acompanhamento pedagógico aos alunos com dificuldade de aprendizagem e o atendimento à família.

O profissional deste modo, realiza o seu trabalho solucionando problemas que não estão diretamente relacionados à sua função, tais como: verificar se os alunos estão uniformizados, atrasos e faltas de professores, registrar no livro de ocorrências os atrasos dos alunos e situações de indisciplina apontados pelos professores e o atendimento ao aluno em questões burocráticas (emissão de declaração, informações sobre atividades diversas, vendas de rifas, alunos que passam mal, etc.). Neste sentido, percebemos que as pedagogas acompanhadas utilizavam a maior parte do seu tempo de trabalho para a resolução de conflitos e tantos outros imprevistos que perpassam o âmbito educacional.

A identidade do pedagogo, em constante construção, apresenta-se de maneira indefinida e controversa. Percebemos que toda a trajetória deste profissional carrega as especificidades da história educacional brasileira, a qual apresentou ao longo dos anos avanços e também retrocessos. A partir dos resultados obtidos nas entrevistas, buscamos encontrar as respostas ou possíveis hipóteses a respeito de como as pedagogas compreendiam o seu trabalho, ressaltando questões referentes às dificuldades por elas encontradas e também sobre sua trajetória profissional (formação e motivação).

Neste sentido, constatamos que de maneira unânime, as pedagogas retrataram que as múltiplas funções exercidas e conseqüentemente a organização

do tempo, são empecilhos para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade. Elas mesmo quando dizem não querer mudar de profissão apresentam insatisfação com o trabalho desenvolvido e a percepção é de que estão realizando tarefas que não são as próprias da sua profissão. Não conseguem reconhecer nas atividades diárias o trabalho do professor-pedagogo, lamentam que não podem realizar algo mais efetivo porque precisam responder a todo momento demandas que não dizem respeito ao seu fazer, mas estão enredadas por atividades disciplinares e burocráticas presentes na escola e não se percebem como agentes transformadores de uma nova lógica na organização do trabalho pedagógico. Adequam-se a uma rotina que não julgam lhes pertencer, cumprem-na e os questionamentos que fazem não são no sentido de modifica-la, mas apenas de lamentação.

Assim, concluímos este trabalho apontando para outra questão de pesquisa: quais subsídios os pedagogos unitários recebem do governo para desempenhar o que é previsto na Lei 103/2004 a fim de garantir a qualidade e melhoria do seu trabalho e conseqüentemente das instituições escolares?

REFERÊNCIAS

ARUDA, S.R. **Construindo a identidade do professor pedagogo na escola pública paranaense**. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/cCbZea>>. Acesso em: 05/10/2014.

BELLONI, V.L.G. **O fazer e o saber do pedagogo: As atribuições deste profissional no espaço escolar**. 2008. Disponível em:<<http://goo.gl/tPUkpV>>. Acesso em:14/10/2014.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. Lei n.º 5.564, de 21 de dezembro de 1968. Provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional.

_____. Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

_____. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Legislação Básica da Educação. Brasília, 1996.

_____. Lei n.º 103/2004, de 15 de março de 2004. Dispõe sobre o Plano de Carreira do Professor da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná.

_____. Edital nº37/2004. Atividades genéricas do professor pedagogo no ensino da rede estadual do Paraná. Paraná: SEED, 2004.

_____. Decreto n.º3.554, de 7 de agosto de 2000. Dá nova redação ao §2º do art.3º do Decreto n.º3.276 de 6 de dezembro de 1999, que dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica.

_____. Decreto n.º3.276, de 6 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências.

_____. Decreto-Lei n.º1.190, de 4 de abril de 1939. Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia.

_____. Conselho Federal de Educação. Portaria n.º252/69 da Comissão Central de Revisão dos Currículas, aprovado em 11 de abril de 1969.

_____. Decreto n.º3.276, de 6 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 5/2005. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Dezembro de 2005.

_____. Lei n.º 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências.

_____. Gabinete da Secretária. Resolução nº 3651/2000. Paraná: SEED, 2000.

_____. Edital nº37/2004. Atividades genéricas do professor pedagogo no ensino da rede estadual do Paraná. Paraná: SEED, 2004.

_____. Edital n.º 170/2013. Estabelece instruções destinadas à realização do Processo Seletivo Simplificado. Paraná: SEED, 2013.

BRECKENFELD, E.J.N; GUIRAUD, L; ROMANOWSKI, J.P. Considerações sobre a formação continuada do pedagogo escolar no sistema de ensino público estadual paranaense (2004-2008): possibilidades e limites. Disponível em:<<http://goo.gl/SbrBxT>>. Acesso em: 07/10/2014.

COELHO, C.A.S; NUNES,K.C.S; RODRIGUES, G.M. A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DEMOCRÁTICA. 2009. Disponível em: Programa Nacional de Gestores da Educação Básica.

CONFERÊNCIA ANTONIO NÓVOA, 2013, Curitiba. Professores principiantes: porque é que não fazemos aquilo que dizemos que é preciso fazer? [2013]

FRANCO, M. A. S. **Pedagogia como educação**. Campinas: Papyrus, 2003.

FREITAS, Denise Vilane Veiga de. A identidade e atuação do pedagogo no contexto escolar no estado do Paraná. 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/NscmvD>>. Acesso em: 04/10/2014.

LAWALL, I; SHINOMIYA, G; SIQUEIRA, M; RICARDO, E; PIETROCOLA, M. Fases de desenvolvimento profissional de professores em Situação de inovações curriculares no nível médio. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/hn7vUX>>. Acesso em: 11/09/2014.

LEMES, C.M. A teoria e a prática na formação de professores: desafios e dilemas. 2011. Disponível em:<<http://goo.gl/TBxUV9>>. Acesso em: 09/10/2014.

LEONEL, R.C.P. O papel da formação continuada e sua relevância para o aperfeiçoamento do pedagogo. s/d. Disponível em:<<http://goo.gl/gJrJBp>>. Acesso em: 23/10/2014.

LEONEL, N.; ROSSI, E.R. Função e atuação do pedagogo: uma reflexão a partir do colégio estadual Monteiro Lobato. 2010. Disponível em:<<http://goo.gl/FWd6d7>>. Acesso em: 22/11/2014.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIBÂNEO, J.C. **Que destino os educadores darão à Pedagogia?** In: PIMENTA, Selma Garrido. *Pedagogia, Ciência da Educação?* São Paulo: Cortez, 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar, Curitiba, n. 17, Editora UFPR, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, E. S; STOCKMANN, J. I. O pedagogo escolar - da insuficiência conceitual à uma atuação coerente e comprometida. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/U7cs5N>>. Acesso em: 17/09/2014.

NIMITT,D.B; PINTO, C.B.G.C. **Formação em Pedagogia: expectativas e motivação ligadas à prática pedagógica do professor**. 2008.

SANTOS, Q.Q.R.; SILVA, M.R.S. Trabalho e educação: reflexões acerca da formação do pedagogo. 2007. Disponível em:<<http://www.estudosdotrabalho.org>>. Acesso em: 05/10/2014.

SANTOS, A. L. O pedagogo e o desafio da formação continuada de professores. 2005. Disponível em:<<http://goo.gl/hKBdLx>>. Acesso em: 24/10/2014.

SCHEIBE, L.; AGUIAR, M.A. Formação de profissionais da educação no Brasil: o curso de Pedagogia em questão. Disponível em:<<http://goo.gl/2IBfcr>>. Acesso em: 04/08/2014.

SCHEIBE, L.; DURLI, Z. Curso de Pedagogia no Brasil: olhando o passado, compreendendo o presente. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/fZQwQV>>. Acesso em: 11/09/2014.

SILVA, C. S. B. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade**. 2º edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SILVA, M. R. S; LEITE, S. R. M. Trabalho e Educação: implicações do mundo de trabalho na formação de pedagogos - aproximações. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/h35jth>>. Acesso em: 07/09/2014.

SOARES, R.M.F. A produção da identidade profissional do pedagogo: entre valores crenças e competências. 2006. Disponível em:<<http://goo.gl/joihr6>>. Acesso em: 10/10/2014.

SOUSA, A.T.S. O curso de Pedagogia e a sua relação com o curso normal superior: uma reflexão a partir das reformas educacionais. 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/9ebtku>>. Acesso em: 03/10/2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

VIEIRA, S. L. **Ser professor: pistas de investigação**. Brasília, Plano Editora, 2002.

VIEIRA, S.R. A trajetória do curso de Pedagogia. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/xmYgp4>>. Acesso em: 11/09/2014.

VILA, M.F; SANTOS, S.A. O papel do pedagogo e a organização do trabalho na escola. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/8yrv6M>>. Acesso em: 15/09/2014

VIÑAO, F. A; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2º ed. Rio de Janeiro: 2001.

WARDE, Mirian Jorge. **A estrutura universitária e a formação de professores**. Perspectiva, ano 11, n. 20, ago/dez 1993, p. 127-148.

APÊNDICE

ENTREVISTADA - P1

1) Qual é a sua idade?

R: 55 anos

2) Qual a sua formação? (Ens. Médio/Magistério, Superior, Pós graduação). Qual foi a sua habilitação na Pedagogia?(Caso a pedagoga tenha se formado há mais tempo)

R: Ensino médio curso de magistério né, depois curso de Pedagogia com habitação em orientação educacional, supervisão escolar, administração escolar e também pós-graduação em alfabetização.

3) Você continua estudando? O quê? (é uma formação inicial ou continuada?) Por quê?

R: Ultimamente não, porque eu já fiz e avancei todos os graus né, e a gente estuda esporadicamente né, não em termos de cursos efetivos né, mas nós temos sempre as semanas pedagógicas que é uma forma de estudos também.

4) Você já atuou como professor? Quanto tempo? Há quanto tempo atua como pedagogo? Já trabalhou em outra área/ profissão?

R: Sim, eu trabalhei no curso de magistério durante 10 anos né, eu trabalhava / o meu padrão de concurso né, didática e prática de ensino. Então eu trabalhei durante anos como professora do curso de magistério. Como pedagoga atuo há 15 anos. Quando adolescente trabalhei junto com o meu pai mas era profissão de atendente da loja do meu pai, só isso.

5) Há quanto tempo está na Rede Estadual do Paraná?

R: No Estado eu estou há 25 anos e tenho também 3 anos de prefeitura, que é público também.

6) E nesta escola?

R: Há 25 anos.

7) Quantos padrões/turnos você possui?

R: Atualmente eu tenho 1, mas eu já tive 2 né, mas como havia pedido no padrão mais novo, havia pedido pra tirar licença em vencimento, daí por duas vezes eu não consegui e daí eu pedi exoneração de 1. Então atualmente eu estou com 1 padrão. (durante 5 anos teve dois padrões).

8) O que você faz no seu tempo livre?

R: Ultimamente faço academia e geralmente no período da noite é a preparação das atividades do dia seguinte né, não tem como escapar. Finais de semana eu procuro, é, a gente tem uma casa na praia e a gente vai pra praia, ou na casa de amigos né, ou descansa mesmo em casa né.

9) O que lhe motiva a seguir na profissão? Já pensou em mudar?

R: Não, eu gosto de ser pedagoga, gosto de ser professora, eu gosto de estar junto com os jovens né. Então assim, por mais difíceis que as vezes os momentos que a gente passa, mas eu nunca pensei em desistir né, é, mudar. O que me motiva a seguir é esse amor pela profissão, é ainda acreditar de alguma forma, ter uma certa esperança ainda na educação.

10) Por que você escolheu ser pedagoga?

R: É, assim, eu na verdade eu prefiro mais ser professora né, então como o meu padrão era de professora (concurso de professora) eu só mudei pra pedagoga porque eu moro nas proximidades do colégio e queria continuar nesse colégio (como fechou o curso de magistério, então eu fiz a opção né, pra estar aqui nesse colégio).

11. Qual a sua função dentro do âmbito educacional?

R: Então aqui a nossa é a organização do trabalho pedagógico, que a função principal do pedagogo, né. Mas você faz um pouco de tudo, né, de repente é zelador, é inspetor né, você faz um pouco de tudo enquanto pedagoga. Mas o trabalho principal é a organização do trabalho pedagógico, que envolve uma série de atividades (atendimento a pais, atendimento aos alunos, atendimento ao professor, principalmente ao professor, subsidiar o trabalho do professor e organizar internamente a questão de tempo, de calendário, a questão de planejamento, de projetos, de curso, de reuniões pedagógicas e semana pedagógica, tudo isso é trabalho do pedagogo.

12) Quais são as funções que você mais gosta de desempenhar no seu trabalho?

R: É, eu gosto bastante do trabalho com os alunos, né, embora tem momentos bem difíceis, mas eu gosto de estar junto né, com o trabalho, com a orientação, orientar os alunos e ver bons resultados né, que é meio difícil, mas a gente espera esse resultado. E tem alguns que as vezes se formam e voltam né, e aí a gente fica muito feliz, se sente assim realizada.

13) Descreva como é a sua rotina como pedagoga?

R: Inicialmente é verificar a questão de se os professores estão em sala né, depois verificar os alunos atrasados, a questão de uniforme, é, assim, auxiliar os professores na questão disciplinar, né, e acompanhar as questões, né, dos períodos em que você tem que visar os livros, dar o atendimento na hora atividade com os professores (que às vezes fica um pouco difícil, a gente não consegue dar conta de tudo). Mas é nesse sentido.

14. Qual a maior dificuldade encontrada na sua função como pedagoga?

R: Eu ainda sinto a questão do tempo, da organização do tempo, que você, assim, as vezes pega algumas funções que não são suas, faz algumas atividades que não são suas e daí falta... Então acho que precisa, assim, pensar muito em organizar mais o tempo da gente. A gente sempre fala, fala, mais não consegue ainda exercer bem corretamente a função e organizar esse tempo.

15. Você está satisfeita? Se não está satisfeita, por quê?

R: Assim, satisfeita a gente sempre procura estar né. Eu não estou muito satisfeita porque eu to verificando assim, que não digo a indisciplina, mas o desinteresse dos alunos está muito grande em relação à educação. Então eu acho que a gente precisa rever um pouquinho né... Pelo motivo de estar aposentando, assim, fica um pouquinho dessa frustração de verificar o desinteresse pelo estudo, né... Sabe, do aluno estar se prejudicando e não ter consciência ou não quer ter consciência disso né, mas isso é o que não está me satisfazendo, o interesse dos alunos né.

16. Se pudesse mudar, o que mudaria?

R: Eu acho que eu seria um pouquinho mais enérgica, talvez, já é o meu tipo né, não consigo ser assim, e eu sou mais... Não vou dizer mãe, mas assim, mais carinhosa com eles né. Então as vezes, tem momentos que eles confundem um pouco e não respeitam né. Mas acho que eu seria assim, um pouquinho mais firme nas minhas atitudes, um pouquinho mais enérgica. Apesar de que tem horas que você tem que ser bem enérgica com eles, tomar atitudes mais enérgicas.

17) Você recebe apoio e orientação para exercer sua função?

R: Sim, sim. Nós temos reuniões no núcleo, nós temos a questão vários cursos, cursos que o Estado proporciona que dão essa orientação, assim, fundamentação teórica, fundamentação da legislação né. Então a gente recebe sim. Na escola a gente tem as reuniões com a direção, não que ela tenha essa formação específica, mas sempre questões de organização dentro da escola. Então a gente tem esse apoio da direção no que você precisar fazer. Então a gente tem esse apoio em termos da direção e as vezes até dos professores, o respeito pelo seu trabalho. Então eles até nos apóiam quando a gente precisa de alguma coisa que dependa deles.

18) Como você e seus colegas pedagogos do mesmo turno dividem o trabalho entre vocês? E com os do outro turno? (Ex: divisão de tarefas, atividades cotidianas e atribuições, combinados na escola entre os pedagogos, etc.)

R: Então assim, a nossa organização é que cada pedagogo cuida de determinadas turmas, e nós temos os procedimentos comuns (algumas normas, como as normas do regimento interno do colégio que você tem que respeitar) e as vezes algumas

atividades a gente divide também. A questão de orientação pro livro didático (então uma faz e passa pra outra) e sempre, por exemplo, quando tem alguma atividade que envolve o colégio todo, então através das reuniões a gente já divide os trabalhos (então cada uma faz e aí vai passando pra outra). Se tem, por exemplo, que fazer algumas normas, algumas regras né, uma elabora e já passa pras outras terem o aval, se precisa complementar alguma coisa ou não, e aí a gente faz essa divisão. E isso também entre os turnos, porque nos temos reuniões dos turnos e temos reuniões gerais (geralmente no período da tarde – finalzinho da tarde – então a gente reúne todas as pedagogas) e nos períodos a gente tem as reuniões dentro dos períodos daí. Porque assim, é, os períodos tem situações específicas então pela manhã é uma situação, é uma realidade, e a tarde é outra... A noite é outra ainda. Então nós temos normas gerais mais algumas são específicas de cada turno. Nas gerais a gente divide, elabora e nas específicas cada uma no seu turno.

19) Quais são as diferenças percebidas nos estudos realizados durante a sua formação e o trabalho realizado em seu cotidiano?

R: É... essa é uma grande diferença né. Porque a teoria é uma coisa e a prática é bem outra né. Então as vezes, é... a diferença é grande né! Então esse trabalho é importante, dos estagiários virem, verem a realidade, estarem junto aqui né, verificando que de repente... Agora é necessário essa parte teórica, é bem necessário, é a base do seu trabalho né, você precisa dessa parte teórica e adequando na realidade né. Mas tem uma diferença grande sim, quando você começa a atuar e é assim, talvez você idealize algumas coisas quando está estudando da forma teórica e a prática é um pouco diferente... Mas dá pra se fazer adequação daí (de uma pra outra daí).

20) Qual a sua relação profissional com: Colegas de trabalho (pedagogos, secretaria, cantineira, inspetores, etc.), Professores, Alunos, As famílias dos alunos, A direção da escola, Núcleo de Educação/ Secretaria Municipal e Estadual de Educação.

R: Assim, é... Em termos... Eu acho que o relacionamento é bom nesse sentido e a gente procura contribuir com o que a gente tem né, questão profissional e de experiência né. Então, por exemplo, sempre quando chega uma pedagoga nova a gente passa as situações que a gente já vivenciou, o que a gente já produziu em

termos de trabalho que deu certo e que não né. Então o relacionamento profissional é bom e pessoal também é muito bom. Eu me dou bem com todas as pessoas, procuro né... E sempre que precisam da minha ajuda na questão profissional, eu passar minha experiência pra eles, eu estou sempre a disposição. E aqui eu nunca tive atrito nenhum, com nenhum dos seguimentos né (eu me dou bem com todo mundo). Claro que as vezes uma coisinha ou outra, você apresenta sua ideia ao outro mas não dizer que foi além disso. Mas em termos profissionais mesmo, eu procuro sempre auxiliar com a minha experiência que tenho.

21) Sobre o seu salário, mudou em relação quando você era professora? Se atua como professor e pedagogo em diferentes turnos, há diferença? Essa diferença é significativa?

R: Não. Tanto o pedagogo como o professor tem o mesmo salário, porque nós temos o plano de carreira. Então dependendo do nível que você está, né, é um salário... Você vai fazendo os cursos e vai subindo, tendo avanços na sua profissão. Mas o pedagogo e o professor não têm diferença, é o mesmo salário. Tanto é que antes tinha o nome de orientação e supervisão né, mas mesmo assim era o mesmo salário, só tinha a questão de horário diferente de trabalho né. Mas atualmente é professor-pedagogo e o salário é a mesma coisa. E a questão também de aposentadoria, tudo... Então com o tempo os pedagogos foram se igualando aos professores e atualmente o salário, a questão de aposentadoria, a questão de direitos... A única coisa ainda que tá faltando um pouquinho em relação aos professores é a hora atividade do pedagogo, né. Que você pode até fazer um acordo interno, mas ainda oficialmente o pedagogo ainda não tem a hora atividade especificada na sua profissão (mas o restante todo, o salário,tudo é igual). Quando tinham as habilitações o salário também era o mesmo, mas tínhamos a questão da aposentadoria – por você estar fora de sala você tinha que trabalhar um pouco mais, um tempo maior pra aposentar. Agora é 25 anos e tá em igualdade com o professor. Por isso que mudou a denominação, antes era orientador educacional, era supervisor escolar e agora não, agora é professor-pedagogo. Então enquanto professor nós temos os mesmos direitos. Só ta faltando a hora atividade pro pedagogo, mas o restante (o salário, a questão de tempo de aposentadoria ta tudo igual). Já ouve essa equiparação.

ENTREVISTADA - P2

1) Qual é a sua idade?

R: 50 anos

2) Qual a sua formação? (Ens. Médio/Magistério, Superior, Pós graduação). Qual foi a sua habilitação na Pedagogia?(Caso a pedagoga tenha se formado há mais tempo)

R: Pedagoga. Hum...na época foi supervisão de ensino.

3) Você continua estudando? O quê? (é uma formação inicial ou continuada?) Por quê?

R: Sim. Agora to estudando a questão do Ensino Médio. Porque é necessário, porque conforme todos os estudos o ensino médio é um dos nós da educação, né? Por causa de todo o histórico dele, que antes ele era a formação, a fundamentação teórica dele antes vinha, é...separada, assim, para uma fundamentação onde você levava os alunos para a questão da academia, ou seja, para uma questão de graduação, ou para a questão técnica, né? Para a questão da habilitação como...como posso dizer? Como profissional para trabalhar na área técnica, né? Como trabalhador mesmo, braçal né? Ou mecânico né?

4) Você já atuou como professor? Quanto tempo? Há quanto tempo atua como pedagogo? Já trabalhou em outra área/ profissão?

R: Já. 10 anos. 22. Não....ahh sim...como recreacionista infantil, né? Cuidando de crianças.

5) Há quanto tempo está na Rede Estadual do Paraná?

R: Há 22 anos.

6) E nesta escola?

R: Há 22 anos.

7) Quantos padrões/turnos você possui?

R: 2 padrões. 2 turnos.

8) O que você faz no seu tempo livre?

R: Ai...no meu tempo livre? Vejo filme, é...leio...hum...vejo filme, leio e faço atividades físicas, viajo bastante.

9) O que lhe motiva a seguir na profissão? Já pensou em mudar?

R: Ah, não pensei em mudar não, eu gosto da minha profissão. Porque veja só, o que me motiva? Porque é bem gostoso você chegar de manhã e você ver todo aquele...aquela...os adolescentes né? Eles sempre tem uma coisa diferente e engraçada pra contar... e a questão da curiosidade deles e deles ainda estarem despertando pra vida, pra...ah..pra tudo..pra educação, pra vida..então, pra eles tudo é novo e é gostoso isso, isso traz uma sensação de que você também está nova, né? Não só nova é...digamos, não é um novo na questão física, mas o novo espiritualmente né? Então você sempre tá buscando coisas novas, sempre tá procurando aprender, porque você trabalhar como educadora é uma aprendizagem eterna, né? Seja professor ou seja pedagogo, é sempre, tá constantemente aprendendo e é divertido, porque é bem melhor que um hospital né? Você chega aqui, os gritos que tem aqui é de criança rindo e no hospital as pessoas chorando, então é uma diferença bem grande né?

10) Por que você escolheu ser pedagoga?

R: Ah..porque eu escolhi? Porque quando eu era bem mais nova, que eu era adolescente, que que eu senti, que muitos professores tinham assim, um certo preconceito com os alunos, e não é só a questão do preconceito, mas ficou faltando muita coisa, que na época, por exemplo, eu era uma aluna que cheguei até a gazar aula e ninguém nunca da minha escola avisou a minha mãe, então por exemplo, podia ter acontecido qualquer coisa comigo e minha mãe não ia ficar sabendo. E agora não...né? Por mais que as pessoas reclamem do ECA, mais foi uma forma da gente garantir a segurança do...não só do jovem, mas principalmente das crianças né?

11) Qual a sua função dentro do âmbito educacional?

R: Minha função...enquanto...é...o pedagogo na sua visão do todo né? Que não só supervisão, mas como orientador também, porque a gente trabalha na orientação das crianças, pra aprendizagem, no ensino aprendizagem e com os professores também através de... não só a relação dos conteúdos com os métodos, o que vai ser aplicado né? Ao efeito da teoria-prática, então isso é bem interessante de trabalhar.

12) Quais são as funções que você mais gosta de desempenhar no seu trabalho?

R: Ai...quando eu to trabalhando com os alunos, mas fazendo palestra para os alunos e para os professores, que aí eu tenho que estudar para fazer as palestras.

13) Descreva como é a sua rotina como pedagoga?

R: Hum...bem complicadinha...não é complicada, mas é atarefada né? Então o que que ocorre, a gente faz o trabalho de orientação, trabalho de supervisão dentro da orientação e atendimento aos alunos, desde a entrada na escola até a saída deles....em sala de aula também, não só problema de disciplina, mas problema de aprendizagem, é...telefonema pra pais, é...contato com universidades para vir fazer palestra pra eles né? Principalmente porque eles estão no terceiro ano, é...mesmo que tivesse no primeiro também...é...com relação aos professores também...é...tentar trabalhar com esses professores no sentido assim, de buscar alternativas não só dentro da escola, mas fora da escola pra fazer atividades extra curricular e que estejam co-relacionadas com o planejamento, com as diretrizes curriculares, né? Pra fazer o melhor possível em termos de qualidade de ensino para os alunos, né? Então é o atendimento desde a entrada do aluno, como telefonema para pais, telefonema para o aluno, é...mandar email para professor, mas tudo isso com a fundamentação teórica do planejamento, com a fundamentação da questão do currículo, das diretrizes curriculares também né? Encaminhamento de alunos que estão faltando para o ECA né? Para os que tem a partir de cinco faltas alternadas e sete conse...ou melhor, contrário, cinco consecutivas e sete alternadas aí a gente “encaminhamento” para o conselho tutelar daí também né?

14) Qual a maior dificuldade encontrada na sua função como pedagoga?

R: O contato com os pais... e a aceitação dos pais de que os filhos deles não estão estudando, ou seja, os filhos conseguem, como é que se diz? Assim...desvirtuar o que tá acontecendo realmente na escola, daí o que que eu faço? Tenho que fazer o

confronto do pai, do filho, junto com o professor. Porque daí a gente sempre tem que tá provando, porque a gente é profissional, tem que ficar mostrando o que que a gente tá fazendo, porque o pai sempre acredita no filho que não tá estudando, aí quando o pai vê que o filho realmente não tá estudando, quando a gente pega o caderno, quando a gente faz as questões e mostra tudo o que o professor deu, então, daí o pai fica assim, ai meu filho, você tem que estudar, então falta um apoio dos pais também.

15) Você está satisfeita? Se não está satisfeita, por quê?

R: Ah, eu acho que...assim, eu vejo assim, em grande parte sim, né? É claro que eu não vou dizer que é cem por cento, porque estar satisfeito cem por cento é quer dizer, assim...que não tá dando bola pra nada né? Então, ah... digamos que oitenta por cento sim eu tenho satisfação com o meu trabalho, mas não que a educação não tem que melhorar, a educação tem que melhorar e muito. Então até eu me aposentar eu vou lutar muito pela educação.

16) Se pudesse mudar, o que mudaria?

R: Ai meu Deus do céu, a questão de mudança, entre a questão... ela é complexa...não dá pra eu mudar né? Teria que o coletivo fazer a solicitação da mudança, então por exemplo, nós estamos trabalhando com o Pacto do Ensino Médio, da melhoria da qualidade do ensino médio, que a gente chama de SISMEDIO né? E é um grupo de professores, então dá em torno de mais ou menos uns 60 professores. Para um colégio que tem 180 professores é pouco, não é verdade? Então teria que ter mais professores participando, que a grande maioria dos professores dão aula no ensino médio, então teria que melhorar a qualidade do ensino médio, e essa mudança não vem só dos pedagogos, da direção, tem que vir do coletivo da escola, então teria que ter a mudança sim. E a questão da gestão também, eu vejo que a gestão fez muita coisa boa, mas também as vezes a forma com a qual ela faz a abordagem acaba desmotivando muitos pedagogos e alguns professores, muitos professores e alguns pedagogos, então a forma de abordar que as vezes deixa as pessoas magoadas, mas ela construiu muita coisa né?

17) Você recebe apoio e orientação para exercer sua função?

R: Hum...muito pouco. Muito pouco que a gente, assim, antigamente na gestão do governo anterior, sem citar nomes, aí o que que acontece, aí a gente tinha mais cursos, tinha...não só a questão do curso, mas tinha, o curso com a realidade tinha uma aplicabilidade, agora a gente quase não tem mais curso, então isso daí parece que esvazia muito, os professores também não tão tendo muito curso, então isso também chega a esvaziar. E dentro da escola? Na medida do possível sim.

18) Como você e seus colegas pedagogos do mesmo turno dividem o trabalho entre vocês? E com os do outro turno? (Ex: divisão de tarefas, atividades cotidianas e atribuições, combinados na escola entre os pedagogos, etc.)

R: É...na verdade a gente...como tá instituído na escola que é por séries, é seriado né? O Ensino médio no período da manhã é seriado, o que que ocorre a gente dividiu cada, é...e nós temos muitas turmas, então o que ocorre, cada pedagoga tá responsável por uma série, o que facilitou, porque quando você mistura as séries aí você tem que cuidar de vários conteúdos ao mesmo tempo e vários professores também ao mesmo tempo. Então dividindo por séries ficou mais fácil para nós, dividindo também por bloco é...por,por, espaço físico também é melhor, porque você fica mais organizado. Então esta forma de organização melhorou bastante e o número de pedagogas contratadas aqui na escola é pelo número de alunos tem um numero maior de pedagogas isso facilita, se diminuir a demanda de pedagogos vai diminuir a qualidade de ensino também da escola, porque, porque daí o pedagogo não vai conseguir dá conta e aí vai ficar sempre ficar faltando aquele terceiro, quarto filho, vai ficar faltando, então daí sempre um filho vai ficar jogado, então não pode diminuir a demanda de pedagogos da escola.

19) Quais são as diferenças percebidas nos estudos realizados durante a sua formação e o trabalho realizado em seu cotidiano?

R: Hum...foi mais teórico, a minha fundamentação ela foi totalmente teórica né? E quando você vem pra prática a luta é muito maior, porque por mais que você acredite naquela teoria que você estudou, seus colegas não acreditam, digamos, não é que nem todos, digamos, uma parte acredita, que nem eu citei, 60 estão participando então, uma grande maioria teria que participar e desses 60 já desistiu, então a gente tem 50, já desistiu bastante, então digamos de 180, 50. Não é verdade? Então faltou aí muita gente pra participar, então esse conflito que acontece

entre...é...entre o...a tua teoria que você acredita na prática e como você tá num coletivo, é claro que vai ter aquela questão de é..de discussão...vai ser conflituosa, porque vai ser o meu argumento contra o argumento do outro e o argumento do outro contra o meu argumento, então é um trabalho muito duro pra você fazer, porque você vai ter que se fundamentar cada vez mais para poder conquistar ou convencer o outro também, então é bem difícil de trabalhar.

20) Qual a sua relação profissional com: Colegas de trabalho (pedagogos, secretária, cantineira, inspetores, etc.), Professores, Alunos, As famílias dos alunos, A direção da escola, Núcleo de Educação/ Secretaria Municipal e Estadual de Educação.

R: Bom, até agora nunca tive reclamação né? Então não gosto nem de me elogiar e nem elogiar os outros, é que quando você elogia estraga, mas até agora a gente sempre teve uma boa relação, nunca tivemos problemas, e inclusive um ajuda o outro, participa, um colabora com o outro, todo mundo colabora então é uma colaboração assim legal, claro que existe assim uma falta de comunicação, aí da aquela geração, aquela tensão mas depois, não..aconteceu isso, vamos fazer dessa forma...daí melhora né?

21) Sobre o seu salário, mudou em relação quando você era professora? Se atua como professor e pedagogo em diferentes turnos, há diferença? Essa diferença é significativa?

R: É, na verdade é que como eu to atuando só como pedagoga, é... não posso dizer a diferença... de sala de aula, mas claro existe a diferença, é...e em termos de salário melhorou, eu vejo assim, teve a mudança mas porque, porque foi assinado na gestão anterior, frizo bem, não foi nessa gestão de 2010 pra cá, mas na gestão anterior quando saiu, assinou um documento dizendo que teria que melhorar e daí o sindicato teve que intervir, porque se o sindicato e nós professores e pedagogos e funcionários não tivéssemos é...pressionado não ia ter mudança, ia ficar como estava, ia dar assim, poucas vantagens né? não é nem vantagens, ia dar o que é de direito e nem isso, tanto é o que é de direito a gente ainda ta precisando, então é bem pouco que houve mudança, mas houve, comparando quando eu iniciei houve mudança sim, mas também já estou me aposentando, então não dá pra comparar né? É diferente!

ENTREVISTADA - P3

1) Qual é a sua idade?

R: 48 anos.

2) Qual a sua formação? (Ens. Médio/Magistério, Superior, Pós graduação). Qual foi a sua habilitação na Pedagogia?(Caso a pedagoga tenha se formado há mais tempo)

R: Sou pedagoga, formada em licenciatura. Orientação.

3) Você continua estudando? O quê? (é uma formação inicial ou continuada?) Por quê?

R: Sim, hoje eu estou fazendo formação para os professores do Ensino Médio.

4) Você já atuou como professor? Quanto tempo? Há quanto tempo atua como pedagogo? Já trabalhou em outra área/ profissão?

R: Sim. 10 anos. 5 anos como pedagoga. Sim, já fui diretora de marketing de uma escola privada.

5) Há quanto tempo está na Rede Estadual do Paraná?

R: 5 anos.

6) E nesta escola?

R: 5 anos.

7) Quantos padrões/turnos você possui?

R: Eu possuo só um padrão e aí eu pego um adicional, o "SCEM" (S100??) né? Que daí trabalho em jornada dupla.

8) O que você faz no seu tempo livre?

R: Não tenho né? Trabalho manhã, tarde e noite! (risos) sábado e domingo curto meu filho né?

9) O que lhe motiva a seguir na profissão? Já pensou em mudar?

R: Já foi idealismo, mas está difícil, nós vamos ter que mudar o ECA para poder continuar trabalhando...eu acho, para o futuro né? Sim, já pensei, mas mais um tempo vamos continuando, mais uns 5 anos.

10) Por que você escolheu ser pedagoga?

R: Na época em que eu escolhi o curso minha mãe era professora, minhas irmãs eram professoras/pedagogas, foi assim meio de família mesmo.

11) Qual a sua função dentro do âmbito educacional?

R: Hoje eu atuo como (pedagoga) auxiliar da direção. Cuido da parte dos alunos atrasados, professores se está no horário, se está faltando...

12) Quais são as funções que você mais gosta de desempenhar no seu trabalho?

R: A função que eu mais gosto no meu trabalho hoje....eu gostaria de atuar na minha área mesmo que é orientação, mas hoje não existe orientação, hoje a pedagoga tem que fazer a parte da supervisão, administração e orientação. Mas eu gostaria de ter este trabalho de orientação, porque os nossos alunos precisam e não tem.

13) Descreva como é a sua rotina como pedagoga?

R: É apagar incêndio toda hora porque é falta de professor, é o aluno que o professor não consegue dominar dentro da sala de aula, é o professor que vem despreparado, então a maioria das vezes é apagar incêndio.

14) Qual a maior dificuldade encontrada na sua função como pedagoga?

R: Despreparo dos professores.

15) Você está satisfeita? Se não está satisfeita, por quê?

R: Podemos dizer que 80% sim.

16) Se pudesse mudar, o que mudaria?

R: Eu acho que nós teríamos que ter uma preparação melhor para o professor entrar dentro da sala de aula. Fazer um curso preparatório para estes professores que

saem da universidade sem experiência nenhuma, para depois eles atuarem em sala de aula.

17) Você recebe apoio e orientação para exercer sua função?

R: Sim, a nossa diretora nos apoia, todos os funcionários, então esta parte não podemos nos queixar.

18) Como você e seus colegas pedagogos do mesmo turno dividem o trabalho entre vocês? E com os do outro turno? (Ex: divisão de tarefas, atividades cotidianas e atribuições, combinados na escola entre os pedagogos, etc.)

R: Então, cada pedagoga é responsável por uma turma, digamos turmas não, por séries. Então cada pedagoga tem em torno de 7 ou 8 salas para cuidar.

19) Quais são as diferenças percebidas nos estudos realizados durante a sua formação e o trabalho realizado em seu cotidiano?

R: Totalmente diferente né? Porque o que você aprendeu você acaba nem atuando né? Porque não dá, não dá tempo, não consegue, é que eu digo assim, não temos o coletivo da escola, todos juntos para poder fazer a diferença.

20) Qual a sua relação profissional com: Colegas de trabalho (pedagogos, secretária, cantineira, inspetores, etc.), Professores, Alunos, As famílias dos alunos, A direção da escola, Núcleo de Educação/ Secretaria Municipal e Estadual de Educação.

R: Alguns são só profissionais e outros como a gente trabalha todo dia com as mesmas pessoas acaba-se tendo um vínculo maior, mas é uma relação boa.

21) Sobre o seu salário, mudou em relação quando você era professora? Se atua como professor e pedagogo em diferentes turnos, há diferença? Essa diferença é significativa?

R: Professor ganha muito mais do que o pedagogo e o pedagogo trabalha muito mais que o professor, nós não temos nem hora atividade, então nós trabalhamos muito mais e ganhamos muito menos.

ENTREVISTA - P4

1) Qual é a sua idade?

R: 46.

2) Qual a sua formação? (Ens. Médio/Magistério, Superior, Pós graduação). Qual foi a sua habilitação na Pedagogia?(Caso a pedagoga tenha se formado há mais tempo)

R: É... Superior Pedagogia (Habilitada em supervisão escolar) e a minha pós em Educação Infantil e séries iniciais.

3) Você continua estudando? O quê? (é uma formação inicial ou continuada?) Por quê?

R: Não.

4) Você já atuou como professor? Quanto tempo? Há quanto tempo atua como pedagogo? Já trabalhou em outra área/ profissão?

R: Já, dois anos. Olha, no particular 10 anos e até hoje 14 anos. Já, é, eu tive uma educação infantil (que é na área), uma casa de sucos e lanches (que não tem nada haver e uma época eu tentei trabalhar no comércio, assim, mas nada assim... Significativo. A minha escolinha durou... Eu tive cinco anos a escola e tive cinco anos a casa de sucos e lanches que era em um shopping em Londrina. No comércio acho que eu fiquei um ano.

5) Há quanto tempo está na Rede Estadual do Paraná?

R: 4 anos.

6) E nesta escola?

R: Há 4 anos.

7) Quantos padrões/turnos você possui?

R: Dois, dois turnos.

8) O que você faz no seu tempo livre?

R: Quando eu não levo nada pra fazer em casa, né, por que geralmente não acontece, eu tento fazer uma caminhada, alguma atividade física, (lê livros?) é, alguma coisa assim pra dar uma... Né.

9) O que lhe motiva a seguir na profissão? Já pensou em mudar?

R: Penso todos os dias. É... na verdade to bem desmotivada né, e ta muito complicado.

10) Por que você escolheu ser pedagoga?

R: Na verdade eu não escolhi né! Por que assim, eu tinha feito magistério e daí eu comprei a escola e daí por esse motivo que eu fiz a Pedagogia... Que eu casei muito cedo, eu fiz magistério e parei de estudar, né, e daí eu queria fazer alguma coisa e daí comprei a escola. Por isso que eu fiz... Mas, não que fosse assim um sonho... Nada disso.

11) Qual a sua função dentro do âmbito educacional?

R: A minha função? Nossa! Olha... você quer saber o que deveria ser?! É, a minha função deveria ser o atendimento pedagógico mesmo né, o atendimento com os professores né, com os alunos né, aquele acompanhamento que a gente não consegue fazer (aqui na rede pública, né, na particular isso existe). A época que eu trabalhei isso acontecia né, então a gente conseguia acompanhar todo o desenvolvimento do planejamento do professor. Então era aquele acompanhamento semanal, se foi cumprido, as atividades que não deram certo, o que que a gente pode melhorar, as avaliações né, nenhuma avaliação era feita sem a autorização do pedagogo, então a gente, né, tinha todo um outro protocolo. Agora na rede pública a gente não consegue fazer isso.

12) Quais são as funções que você mais gosta de desempenhar no seu trabalho?

R: Essa função que eu não consigo desenvolver, né... Esse atendimento... De poder, assim, ter essa troca com o professor de, de, né, de experiência, de, de, de conhecimento né. Eu passar pra eles o que eu tenho de experiência, né, que dá certo em sala de aula e eles em contra partida também trocar o que não deu, como que a gente pode... Isso eu acho bacana, né, mas não conseguimos.

13) Descreva como é a sua rotina como pedagoga?

R: Olha, uma loucura total! É...Eu acho que o maior, o maior desgaste é esse atendimento da disciplina, né, dos alunos. Então a gente não, não consegue assim, é, sentar aqui né, e finalizar qualquer trabalho. Então é o tempo todo atendendo aluno, né. O professor põe aluno pra fora, né, daí a gente tem que dar conta desse aluno, a gente liga pros pais, né, a gente faz todo um procedimento ali na pasta de, de, do aluno individual. Então, é... E com isso vai passando. E os atendimentos né. A gente atende pai, a gente entrega boletim, a gente... É... Aluno que passa mal a gente que atende. Então é assim, é... uma coisa meio... assim... como que eu vou dizer... você faz um monte de coisa, faz muita coisa, mas nada é bem feito, né. Porque é tudo assim, né, se você tá aqui fazendo, por exemplo, to sentada olhando o planejamento do professor, eu começo a ler aparece um aluno aqui que passou mal. Eu paro tudo e dou todo o atendimento, né. Ta... Daí, voltei a mesma, a mesma atividade. Dois segundos a professora manda chamar na sala, né... E assim vai. É aluno gazeando aula, que a gente tem que ir atrás, daí vem mãe, né, que não marca as vezes horário e quer ser atendida, você para tudo. Você precisa dar conta da documentação da secretaria, né, porque... Então assim, fica tudo muito picado e nada bem feito.

14) Qual a maior dificuldade encontrada na sua função como pedagoga?

R: Ah, não conseguir realizar um trabalho de qualidade.

15) Você está satisfeita? Se não está satisfeita, por quê?

R: Por esse motivo. Não conseguir realmente desenvolver o trabalho da pedagoga.

16) Se pudesse mudar, o que mudaria?

R: Ah... Muita coisa! Eu acho que tem que ser dividido essa função, né, é... Teria que ter uma outra estrutura, né, assim...Um coordenador, um orientador, né, um, um inspetor de aluno (não sei como é que fala, é inspetor né, não sei) que atendesse, por exemplo, esse tipo de coisa né, corredor, aluno fora de sala, né, é... Tudo isso que acontece na rotina escola, no dia-a-dia ali, se tivesse alguém que auxiliasse nesse atendimento já ajudaria muito, né. Só o tempo que a gente perde, por exemplo: aluno que chega atrasado, a gente tem que ir lá anotar o nome na pasta, três atrasos liga pro pai, né, e assina, o pai tem que vir, quer dizer, são coisas que

poupariam. Então, uma divisão melhor, mas daí você teria que ter mais funcionário e na verdade o problema vem lá de cima né. Quem deveria se preocupar com isso de dar toda essa estrutura pra educação não dá. Então a culpa não é do colégio em si, né, deste colégio em si. O problema é o sistema mesmo, que é... Infelizmente!

17) Você recebe apoio e orientação para exercer sua função?

R: É, a gente tem aqui as reuniões semanais, né, que a gente discute os problemas, que a gente, é... Conversa com a direção, troca ideias pra ver qual forma de conduzir algumas situações, então a gente tem atendimento sim. Nisso elas são muito, né, presentes. A equipe diretiva é presente.

18) Como você e seus colegas pedagogos do mesmo turno dividem o trabalho entre vocês? E com os do outro turno? (Ex: divisão de tarefas, atividades cotidianas e atribuições, combinados na escola entre os pedagogos, etc.)

R: É por que a gente divide por, é, série. Por exemplo, o curso técnico: Então eu sou pedagoga do curso técnico secretariado e "adm" da manhã, aí o informática é uma outra pedagoga que fica com todas as turmas, daí tem uma pedagoga para os primeiros anos, então cada pedagoga tem um seguimento assim né.

19) Quais são as diferenças percebidas nos estudos realizados durante a sua formação e o trabalho realizado em seu cotidiano?

R: Nossa senhora! Só tem diferença... Só tem diferença. Por que assim, você não é preparado pra ser multifuncional como você tem que ser né. Então e aí quando você chega, é que eu a minha sorte é que quando eu me formei eu tinha a minha escola, então eu determinava tudo, então eu conseguia seguir todo o protocolo que eu aprendi né. E depois disso, quando eu fui pra escola particular, eles seguem, pelo menos tentam, esse, esse, sistema, né. Agora na escola pública não é assim. Então é, é, nossa, quem saí da faculdade e vai pra uma escola pública sofre muito, sofre muito. Por que olha, quando eu vim da particular pra pública, meu Deus, assim... Tanto é que eu não sabia o que fazer aqui, por que as funções que eu desenvolvia lá na particular eram bem específicas né. Então eu atendia, a gente tinha a semana de planejamento, a gente sentava com os professores e discutia o que ia ser trabalhado, fazia bimestral, já elaborava as atividades juntos, as provas, tudo né. Então isso acontecia a cada bimestre. Então assim, eu sabia exatamente o que que

cada professor tava trabalhando com suas turmas, quando tinha trabalho extra classe. Então era tudo muito alí né. E aí eu cheguei aqui... Primeiro, a gente tinha que dar conta do livro registro de classe, que na escola particular não existe isso, né. Eles tem sim, mas quem toma conta é a secretaria, né. Então quer dizer, a gente já ta assumindo mais uma coisa que não é. Esse atendimento aos alunos por exemplo, que machucou, que aconteceu... A gente também assume. A indisciplina, a gente também assume, né. E assim vai, então assim, ninguém conta isso pra você, né. Que você tem que ser, né, tipo um “bombril” (risos). Sem falar dos problemas com o professor da questão emocional, né. Os professores também precisam de um atendimento, que a gente também não consegue dar. Não só na parte pedagógica, mas de você ter um tempo de conversar com o professor, porque ele tá com problemas, você vê que ele não ta produzindo mais, que ele perdeu a paciência com os alunos, que ele grita e você não consegue sentar (professor o que que ta acontecendo?) né, discutir pra ele poder se abrir, pra gente poder tentar ajudar né, fazer um encaminhamento pra um acompanhamento psicológico, pra um médico. Não tem como né. Já na escola particular, como você ta diretamente alí, sempre conversando e tal você, você percebe rapidinho, né, que o negócio não tá fluindo, não tá fluindo, então tem um porque né. Então aí você consegue já resolver de imediato. Agora aqui não, aqui isso vai ficando e vai tomando uma proporção que você vê, a gente tem em média de falta de professor de seis a oito por dia. Eles estão doentes, eles não dão mais conta, né. Sendo que se isso tivesse sido acompanhado, né, antes, não estaria nessa proporção.

20) Qual a sua relação profissional com: Colegas de trabalho (pedagogos, secretaria, cantineira, inspetores, etc.), Professores, Alunos, As famílias dos alunos, A direção da escola, Núcleo de Educação/ Secretaria Municipal e Estadual de Educação.

R: Bem tranquila. Eu tenho, assim, eu não tenho nenhum problema com o grupo.

21) Sobre o seu salário, mudou em relação quando você era professora? Se atua como professor e pedagogo em diferentes turnos, há diferença? Essa diferença é significativa?

R: Não né, por que é “PSS”, então é, o salário, eu não sei por que eu nunca trabalhei no estado como professora né, então é diferente. Na época do particular

mudou, né, enquanto pedagoga no particular eu tinha um salário um pouco melhor. Agora no estado eu não sei dizer assim. Mas eu acredito que seja mais ou menos a mesma coisa. Bem pouco (risos).